

BAR

RMS

TRABALHADORES REPELEM

AS VIOLÊNCIAS DO GOVERNO CONTRA DIREITOS SINDICAIS

Retire-se o Governo Do Sindicato Dos Náuticos

Texto na 10.ª página

Governo Janista De S. Paulo Espanca e Prende Operários

Ferroviários a JK: Illegal é Proibir Greve



S. PAULO (Da Sucureal) — "A quem cabe a culpa? Ao sr. governador do Estado, que usou sua polícia contra os dirigentes sindicais e demais trabalhadores e não a utilizou para intervir nos frigoríficos que sonharam a carne e nas empresas cinematográficas que há pouco tempo fizeram "lock-out?" — perguntam, em manifesto ao público, os motoristas da CMTC, selvagemmente atacados pela polícia do governador janista de São Paulo, dias atrás, por lu-

tarem por suas reivindicações. A concessão do abono de Natal é uma tradição observada todos os anos na Companhia Municipal de Transportes Coletivos e foi também apresentada este ano pelos trabalhadores. Nesse sentido, procuraram eles manter entendimentos com as autoridades, sendo, porém, inúteis todos os seus esforços. Por último, reunidos na antevéspera de Na-

Os dirigentes sindicais cariocas, reunidos na manhã do dia 29, na sede do Sindicato dos Gráficos, resolveram lançar veemente protesto contra a intervenção governamental no Sindicato dos Oficiais de Nautica, exigindo a imediata devolução da entidade aos seus verdadeiros donos, os trabalhadores. Na mesma oportunidade, examinando as ameaças do Governo aos ferroviários de Leopoldina, os dirigentes sindicais, representantes de todos os setores profissionais da indústria, do comércio e do

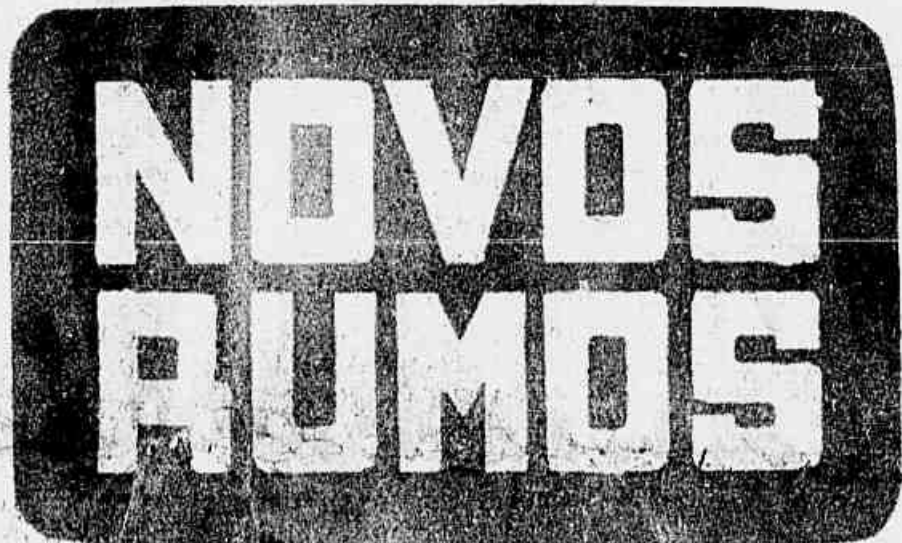
transporte, deliberaram comparecer em massa à assembleia que os ferroviários programaram para o próximo dia 5, quando decidirão sobre o caminho a seguir, tendo em vista a conquista das suas reivindicações.

ENCONTRO COM J.K.

Os líderes sindicais, que se reuniram a convite do Conselho Regional da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), deliberaram ainda solicitar uma audiência com o Presidente da República, que deverá realizar-se nas próximas horas. Nessa audiência os trabajado-

(Concluí na 4.ª página)

ANO I — RIO, SEMANA DE 1.º A 7 DE JANEIRO DE 1960 — N.º 45



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

NESTA EDIÇÃO:

Vitória do Socialismo na China

Artigo de Luiz Carlos Prestes, na 2.ª página

Fatalidade não provoca desastre de avião

Texto na 10.ª página

Mais uma vez a polícia paulista é lançada contra os trabalhadores em luta por suas reivindicações. O governador janista Carvalho Pinto, desrespeitando o direito de greve, mandou centenas de soldados da Força Pública prender e espancar, em plena via pública, dirigentes sindicais e funcionários da CMTC, por ocasião da greve deflagrada por aqueles trabalhadores às vésperas do Natal.

Prefeito Governa Para Zona Sul: Bairros Operários Abandonados

Texto na 11.ª página

ANO NOVO

Duas linhas inspiram alguns comentários sobre o ano que passou e as perspectivas para 1960.

Há os que examinam 1959 com as lentes do mais negro pessimismo e se entregam a predições agoureladas para o Ano Novo. Porta-vozes de forças retrógradas condenadas pela marcha inexorável da história, confundem sua própria sorte com a sorte do povo. O progresso é a morte para essas classes caducas. Em cada ano que desponta só podem enxergar mais um lance sombrio da jornada que as conduz ao túmulo. Nos editoriais de certos órgãos entreguistas e reacionários ligados ao Janismo e nos discursos lamuriosos de velhos agentes do imperialismo e do latifúndio, encontramos estes acentos melodramáticos, inspiradores de gestos desesperados como a aventura de Aragarças.

Outros há que pretendem justificar e embelezar o atual estado de coisas, recorrendo à mistificação. Estes pintam de tons róseos uma situação que, se não é desesperadora, apresenta inegavelmente aspectos aflitivos para o povo. Usufruindo clinicamente as vantagens do poder, realizando uma política de compromissos com os monopólios estrangeiros, manipulando a todo vapor a máquina da inflação que obriga os trabalhadores e a classe média a sacrifícios amargos, repellido obstinadamente as soluções propostas pelas forças nacionalistas e populares, os grupos dominantes do governo e o próprio Presidente da República — com eles conivente — não podem apresentar-se ao povo de cabeça erguida para prestar contas deste pe-

núltimo ano de sua gestão. Não merecem crédito os votos de Ano Bom partidos de um governo que enterra o ano velho prendendo operários, grevistas e intervindo arbitrariamente nos sindicatos, depois de ter liberado o preço da carne para servir aos frigoríficos estrangeiros.

A classe operária rechaça tanto a visão negativista dos grupos superados pelo desenvolvimento social como a mistificação desmoralizada do governo do sr. Kubitschek. Vivendo em um mundo que marcha a passos largos para o socialismo, em um país onde o movimento operário desempenha papel cada vez mais importante, os trabalhadores brasileiros não se deixarão dominar pelo desespero das classes sem futuro nem se deixarão embalar pelas promessas enganosas dos que os exploram.

Os comunistas, que encaram a vida do ponto-de-vista da classe avançada, não têm porque olhar com pessimismo o caminho trilhado em 1959 ou as perspectivas que se abrem para 1960.

Só podemos constatar com alegria que o ano expirante assinala triunfos expressivos dos anseios de paz e progresso da humanidade. A convocação da conferência de cume entre as grandes potências, o exame das propostas de desarmamento feitas pela URSS, os prodigiosos êxitos da ciência soviética na conquista do Cosmos, o rápido desenvolvimento econômico e cultural dos países socialistas e as vitórias alcançadas pelos povos oprimidos em suas lutas libertadoras — são fatos que acendem grandes esperanças nos corações de

(Concluí na 3.ª pag.)



O Prefeito Freire Alvim, morador da Zona Sul, relegou o outro lado da cidade a completo abandono. Ruas sem calçamento, falta d'água, transporte deficiente são alguns dos problemas da Zona Norte da cidade a afligir cada vez mais a vida dos seus moradores que, como o distraído da foto acima, estão arriscados inclusive a cair num buraco e acabar no hospital. Tudo porque Zona Norte não é Zona Sul.

1959: ANO I DA CONSTRUÇÃO DO COMUNISMO:

Começa o Degêlo Internacional Cresce a Luta Antiimperialista

A troca de visitas entre dirigentes políticos dos principais países capitalistas e socialistas culminando com a ida de Nikita Kruschiov aos Estados Unidos, e suas conseqüências para o fortalecimento da paz e a liquidação da guerra fria, foram o fato mais importante no cenário internacional do ano que ora acaba. O ano de 1959, iniciado com a chegada de Anastas Mikoyan a Nova Iorque, assistiu ainda as visitas de Macmillan e Nixon à União Soviética, e de Frol Kozlov e Kruschiov aos Estados Unidos.

Amparado pelas realizações econômicas e científicas da URSS e dos demais países socialistas, o chefe do governo soviético não poupou esforços no sentido

de desanuviar a tensão internacional e resolver os problemas internacionais por meio de negociações pacíficas. Como resultado de seus contatos com o povo americano, diminuíam as possibilidades de guerra; como resultado das conversações políticas, prepara-se o caminho para que sejam resolvidos os problemas do desarmamento, do Tratado de Paz com a Alemanha, de Berlin, etc. Especial importância teve a apresentação do plano de desarmamento geral por fases, lido por Kruschiov na ONU.

A REVOLUÇÃO CUBANA

Nos primeiros dias do ano consumava-se a queda da ditadura de Fulgêncio Batista, com a vitória das forças populares dirigidas por Fidel Castro. A amplitude do movimento, que englobava praticamente todos os setores da população, garantiu a consolidação da revolução, apesar do apoio dado a Batista pelos Estados Unidos e a Inglaterra. Começou então a grande luta contra os inimigos de dentro e de fora de Cuba. O atraso da agricultura de subsistência e a grande penetração do capital americano, que controlava inúmeros setores da economia cubana, como a produção do açúcar, de energia elétrica, a mineração etc., com quase um bilhão de dólares investidos, constituíram os problemas fundamentais.

Para fazer face a estas dificuldades, o governo formado por Fidel Castro iniciou a reforma agrária e interveio em vários setores da economia. No plano interno, foi consolidada a frente única com a instituição de um regime de liberdades democráticas para o povo e de vigilância em relação aos inimigos da revolução. No plano externo, inaugurou-se uma política de neutralidade e de apoio à luta de libertação nacional de todos os povos oprimidos pelo imperialismo.

XXI CONGRESSO DO PCUS

Alcançar e ultrapassar os países capitalistas mais avançados nos setores decisivos da economia a partir de 1963, foi a mensagem já famosa do XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, ao aprovar o Plano Setenal. Cento e dez anos depois da publicação do «Manifesto Comunista», os herdeiros da Idéia de Marx e Engels promovem os primeiros passos no sentido da realização do sonho secular da humanidade progressista: a construção do comunismo. Reafirmou o Congresso a política de paz da URSS

e lançou o desafio pacifista ao mundo do capitalismo: vamos competir para ver quem é capaz de satisfazer melhor as necessidades do homem, e não quem fabrica as armas mais destruidoras e possui o maior exército. O XXI Congresso marca o momento em que o sistema mundial do socialismo começa a ser, não só potencialmente, mas, de fato, o sistema predominante no domínio da produção material. Já em 1965 o campo do socialismo será responsável por mais da metade da produção industrial do mundo: meio século depois da Revolução de Outubro, o socialismo já terá comprovado definitivamente e historicamente sua superioridade sobre o capitalismo.

X ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO CHINESA

Um ano depois do «Grande Salto», que consolidou as bases da construção socialista, a República Popular da China comemorou o décimo aniversário de sua instauração, a 1.º de outubro de 1949. Delegações oficiais e visitantes de todos os cantos do mundo convergiram para Pequim, onde, na Praça Tien An Men, dois milhões de pessoas tomaram parte em monumental desfile.

Atualmente, o sistema socialista na China já se consolidou a ponto de não haver mais dúvida algu-

ma sobre seu futuro. Toda a indústria obedece ao comando único do Estado, e praticamente toda a terra já foi coletivizada. Depois de dois anos apenas do 2.º plano quinquenal (1958-1962), já foram atingidos vários objetivos marcados para o fim do quinquênio. Só nos dois últimos anos, a produção industrial da China dobrou, enquanto a produção agrícola aumentava em mais de um terço. Até pouco tempo um país infinitamente atrasado e pobre, a China marcha a passos largos no desenvolvimento econômico, social e cultural.

ARGENTINA: ENTREGUISMO E REPRESSÃO

Em 1959, Frondizi continuou e assentou a linha de entreguismo e reação que já havia iniciado no ano anterior. Já em janeiro parte para os Estados Unidos para mendigar empréstimos pagos com a soberania do país e as liberdades democráticas. Durante todo o ano, sucederam-se as greves por aumento de salários, congelados por ordem do Fundo Monetário Internacional; contra as despedidas e a carestia, também decorrentes da política de «estabilização monetária» ditada pelo FMI, e em defesa da economia nacional e das liberdades sacrificadas ao imperialismo.

Ao mesmo tempo, repetidas crises políticas e militares faziam de Frondizi um mero instrumento

das cliques reacionárias. Cumprindo suas exigências, o ex-batalhador anti-imperialista pôs na ilegalidade o Partido Comunista, armou provocações contra representantes dos países socialistas e perseguiu sindicatos, líderes operários e personalidades democráticas até mesmo de seu partido.

SALAZARISMO PERDE TERRENO

Depois da farsa eleitoral de 1958, a que foi «eleito» o almirante Américo Tomaz, contra a vontade manifesta do povo português, aumentou o terror salazarista e, ao mesmo tempo, a área de oposição ao ditador «economista». O pronunciamento do famoso cardeal Cerejeira e de parte considerável do clero contra o regime de Salazar tornou ainda mais claro que ele só se mantém graças ao aparato policial. Grande número de personalidades nacionais, como o general Humberto Delgado, ex-candidato da oposição à presidência, o capitão Enrique Galvão, o dr. Rodrigo de Abreu e outros, são obrigados a deixar o país. Escritores mundialmente conhecidos são condenados e perseguidos.

Embora o «primeiro-ministro» ainda controle o exército e a PIDE (polícia) fascista, a revolta de maio, embora tenha abortado, mostrou que começa a vacilar o próprio sustentáculo da ditadura portuguesa.

CONTRA-REVOLUÇÃO NO TIBETE

Embora fazendo parte da República Popular da China, o Tibete possuía autonomia administrativa e via respeitado o seu desenvolvimento específico, atrasando-se muito, desse modo, em relação ao resto do país. Até este ano, ainda predominavam no Tibete as relações feudais de produção, com restos do escravismo e conflitos tribais oprimindo a imensa maioria da população. Esta situação, aliada à ferrenha oposição de parte da casta sacerdotal e da aristocracia feudal às transformações democráticas, adubou o terreno para a contra-revolução que culminou com a ida do Dalai Lama para a Índia.

O exército popular chinês, com a ajuda da população local, esmagou os bandos de malfetores e mercenários armados pelos feudais. Foi levado ao governo o Panchen Lama, 2.º chefe político-espiritual tibetano e iniciaram-se as transformações democráticas, principalmente quanto ao regime de propriedade da terra.



A viagem de Kruschiov aos Estados Unidos constituiu importante passo no sentido do alívio da tensão internacional e da intensificação do intercâmbio amistoso entre os povos em todos os setores da atividade humana. Como ilustração desse fato, Kruschiov levou a Eisenhower uma miniatura do Lunik II, disparado na época pela União Soviética.

PANAMÁ: LUTA ANTIIMPERIALISTA

A luta contra o imperialismo norte-americano no Panamá é tão longa quanto a própria existência do país, como Estado independente, isto é, desde que os Estados Unidos promoveram a sua separação da Colômbia, para que fosse construído o Canal. O tratamento odioso dispensado aos trabalhadores, que ganham sistematicamente menos que os norte-americanos por um mesmo trabalho, e a população panamenha, assim como o controle político-militar do país e a exploração de suas riquezas sem qualquer contrapartida puseram mais lenha na fogueira. Com a nacionalização do Canal de Suez mostrou-se o caminho a seguir, como os próprios círculos políticos do Panamá o reconheceram. As manifestações populares de 4 de novembro e o clima de tensão até hoje existente mostram que a fogueira se alastra.

CONFLITO SINO-INDIANO

Vários territórios, de área relativamente insignificante, são reclamados há tempos tanto pela China como pela Índia. Como a China foi durante mais de um século «domínio comum» de vários imperialismos, a Inglaterra, que dominava a Índia na época, assegurou algumas parcelas do «bólo», anexando-as ao território Índia. A atual

Política Externa Prejudicial

O adiamento da viagem do ministro Horácio Lafer a Assunção veio diminuir um pouco o saldo negativo de nossa política externa em 1959, embora, ao que tudo indica, permaneça a intenção do governo brasileiro de prestigiar os grupos reacionários paraguaios em troca da defesa de interesses brasileiros. Este episódio, se não considerarmos seus aspectos particulares, ilustra bem a tendência fundamental de nossa política externa.

De fato, se no domínio econômico a política externa brasileira, em virtude da amplitude e da intensidade das pressões recebidas pelo governo, se aproximou mais daquilo que nossos interesses exigem, no domínio propriamente político não houve nenhuma modificação essencial na tradição de subserviência em relação ao Departamento de Estado norte-americano.

Na ONU, nossa delegação, como nas sessões anteriores, se limitou ao papel de «eyes men» dos Estados Unidos. Mesmo no caso da Argélia, quando tanto nossos interesses políticos e econômicos comuns com os árabes, como a manifestação clara da opinião pública brasileira indicavam o sentido da nossa voto, nossa delegação «cobria a retaguarda» dos Estados Unidos, que, pessoalmente, se absteram. Enquanto isto, uma delegação de países latino-americanos votavam a favor dos nacionalistas argelinos, ou se absteriam.

Essa mesma tendência de isolamento em relação aos movimentos democráticos e anti-imperialistas em nosso continente e no mundo inteiro pode ser observada no âmbito do Itamarati em relação à ditadura salazarista, no «caso Delgado», em particular, e no caso que fizemos, na conferência de chanceleres em Santiago, às brigadas dos Estados Unidos e comparsas contra Cuba, Venezuela e o movimento antiimperialista na América Latina.

Restam, como disse, as medidas parciais tomadas por nosso país no domínio econômico, principalmente a suspensão das negociações com o Fundo Monetário Internacional e a assinatura de um acordo comercial com a União Soviética. No reforço destes aspectos parciais de nossa política externa encontrará o país as reservas políticas e econômicas necessárias ao seu desenvolvimento independente.

Fausto Cupertino



Embora a «colheita de ditaduras» em 1959 não tenha sido muito fértil, o ano começou exatamente com a queda de um dos regimes mais sanguinários e mais serviciais aos Estados Unidos na América Latina: a Cuba de Batista. Os homens de Fidel Castro, depois de longa luta de guerrilhas, conseguiram captar as resistências das massas populares cubanas e, derrubada a ditadura, dar início às transformações políticas e econômicas de que o país necessita.

A Vitória Do Socialismo Na China

LUIZ CARLOS PRESTES

Dois caminhos então se apresentam: o do desenvolvimento capitalista e o do desenvolvimento socialista. O povo chinês, dirigido pelo Partido Comunista, pôde tomar pelo caminho do socialismo. E basta uma simples comparação entre o ritmo de desenvolvimento da China Popular e dos países que tomaram pelo caminho do capitalismo para que se chegue a uma conclusão. O avanço vitorioso do povo chinês no terreno do desenvolvimento industrial, agrícola e cultural é inegável e processa-se a ritmo jamais conhecido no mundo capitalista. Constitui exemplo e inspiração para os povos de todos os países subdesenvolvidos e não pode deixar de exercer influência no mundo inteiro, inclusive entre os povos da América Latina, que se levantam e lutam contra a onerosa colonial e buscam o caminho para se libertarem da miséria, do subdesenvolvimento, do atraso econômico e cultural.

O povo chinês libertou-se em 1949 dos monopólios imperialistas e da dominação do capitalismo burocrático e, por meio de uma reforma agrária radical, golpeou de morte o feudalismo. Dirigido por um partido marxista-leninista experimentado, conseguiu rapidamente realizar as tarefas da revolução nacional e democrática e tomar pelo caminho do socialismo. O poder político passou efetivamente às mãos do povo e enormes forças produtivas foram liberadas. Em três anos, de 1950 a 1952, a China conseguiu reorganizar e restaurar sua economia e elevar a produção industrial e agrícola a níveis su-

periores aos mais altos do período anterior à guerra mundial. De 1953 a 1957, o povo chinês realizou com êxito o 1.º Plano Quinquenal de desenvolvimento econômico, que elevou o valor da produção industrial em 141% e o volume da produção agrícola em 25%. Estavam criadas as bases para a industrialização mais rápida do país.

Grças à direção do proletariado e à aliança operário-camponesa que serve de base à frente única nacional, foi possível esse rápido avanço na transição ao socialismo e a simultânea realização da revolução socialista e da construção do socialismo. Mas no 1.º Plano Quinquenal acentuava-se principalmente a necessidade de realizar a revolução socialista, a passagem de uma estrutura econômica complicada, que abarcava, juntamente com a economia socialista, economias capitalista e individual, a uma estrutura única e homogênea socialista. Na frente econômica, quer dizer, das transformações socialistas da propriedade sobre os meios de produção na agricultura, na indústria artesã, na indústria capitalista e no comércio, a revolução socialista já estava terminada no essencial em fins de 1956. Havia então ingressado nas cooperativas agrícolas de produção 120 milhões de famílias camponesas, ou 98% do total. Agrupavam-se também em

cooperativas mais de 5 milhões de artesãos, ou 92% do total. Simultaneamente, 70 mil empresas industriais privadas, ou 99,6% do valor total produzido por tais empresas, foram transformadas em empresas mistas, estatais-privadas, isto é, com participação do capital do Estado no lado ou associado ao capital privado. Ao mesmo tempo, 1.900.000 empresas comerciais privadas, em que trabalhavam 85% do total de empregados de todas as casas comerciais privadas, converteram-se em empresas mistas, estatais-privadas, ou totalmente estatais, ou em cooperativas comerciais ou industriais. Criavam-se, assim, as bases que permitiram ao povo chinês adotar novos ritmos mais acelerados para o seu desenvolvimento econômico e cultural, passar à completa mobilização das forças produtivas e ao entusiasmo revolucionário das massas.

Realizado com antecedência o 1.º Plano Quinquenal de desenvolvimento da economia nacional, podia entrar o povo chinês no caminho propriamente da industrialização socialista. A produção de aço se elevava de 900 mil toneladas, antes da libertação, a 5.340.000 toneladas, em 1957. Foi então que o Partido Comunista da China lançou a consigna de pôr em tensão todas as forças e lutar por alcançar em 15 anos ou em menor prazo a Grã-Bretanha na produção de aço e ferro gusa, assim como na de outros produtos industriais mais importantes. Em próximo artigo procurarei mostrar o entusiasmo com que o povo chinês respondeu ao apelo de seus dirigentes, realizando o que hoje se denomina na China de grande salto para frente de 1958, vencendo com 16 e decisão todos os obstáculos e prosseguindo a ritmos jamais vistos na construção da sociedade socialista.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Gutemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fraymon Borges
REDACTORES
Almir Mattos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712
— Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/805
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral .. " 130,00
Trimestral .. " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasado .. " 8,00

Sete Mentiras De Mr. Cabot



Como que obedecendo a uma ordem, diversas figuras e figurinhas do país têm saído pela imprensa com declarações, secundando as insistentes afirmações de embaixador Cabot sobre as relações econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos. Esta a razão por que voltamos ao assunto, examinando de maneira concreta e com a linguagem irrefutável dos números, os trechos essenciais do discurso do embaixador norte-americano.

1 -- Recebemos com muito agrado a crescente industrialização do Brasil — disse Mr. Cabot.

Vamos aos fatos. Tomemos o exemplo da indústria petrolífera, indústria de importância essencial para a emancipação econômica do Brasil e base de sua industrialização. Primeiro, os nossos amigos norte-americanos negaram durante décadas que houvesse petróleo aqui. Até que um dia o petróleo jorrou. Então, foram mandados para cá, dois técnicos norte-americanos Hoover Jr. e Curtiss, autores do Estatuto do Petróleo, pelo qual o outro negro nacionalista entregou a Standard Oil. O povo derrotou o Estatuto e impôs a Petrobrás. Contra a solução nacionalista, através da imprensa venal, os tristes americanos desencadearam uma das mais custosas campanhas de propaganda, mas também foram derrotados. Constituída a Petrobrás, os nossos amigos americanos não apenas não lhe deram qualquer ajuda, como procuraram torpedear a por todos os

meios. Quando aqui esteve, em 1958, o secretário de Estado Dulles, a um pedido de ajuda do governo americano para a Petrobrás, ele nos mandou bater às portas da Standard Oil. Foi preciso que as forças nacionalistas, através do Marechal Lott, recordassem aos nossos amigos americanos que a Petrobrás é intocável.

Mas, não é apenas o exemplo do petróleo. Todas as missões oficiais americanas que têm vindo ao Brasil, ou dando conselhos ao nosso país (por exemplo, a Missão Abbinck, Klein & Saks, etc.), recomendaram que o nosso país se preocupe mais com o desenvolvimento da agricultura do que da indústria. Recomendação idêntica foi feita, não há muito, pelo subsecretário Roy Rubottom.

Como se vê, os fatos não corroboram as palavras de Mr. Cabot, mas as demonstram.

produtos manufaturados: já em 1939, eram necessárias 33 sacas para 1 tonelada. Em 1954 exportamos 4,3 toneladas de mercadorias por 1,6 bilhões de dólares; em 1958 para receber apenas 1,2 milhões de dólares, tivemos que exportar 8,3 milhões de toneladas. Estes números mostram que nas relações comerciais com os países imperialistas — e cerca de metade do nosso comércio exterior é com os Estados Unidos — o povo brasileiro tem que trabalhar muito mais para produzir bens, que produzir, todavia, menos divisas. Mais trabalho, menos dinheiro. Maior exploração, é a verdade. Se não tivessem sido rebaixados os preços internacionais dos nossos produtos de exportação, ou mais precisamente, se pelo nosso

café e demais produtos, nos pagassem, hoje, os mesmos preços de 1954, o Brasil teria recebido 2 bilhões de dólares a mais entre 1954 e 1958. Tal foi a perda do Brasil no comércio exterior, principalmente com os Estados Unidos, e apenas nos cinco anos mencionados. Se incluíssemos 1959, as perdas seriam ainda maiores.

Portanto, no comércio com os Estados Unidos somos vítimas, realmente, de uma brutal espoliação. E é precisamente para compensar estas perdas que o Brasil vê-se obrigado a contrair empréstimos lentinhos em bancos norte-americanos, o que obriga ao país a restringir as importações de máquinas e equipamentos necessários ao seu desenvolvimento.

5 -- As remessas de lucros de empresas norte-americanas no Brasil são razoáveis; são inferiores a 3 por cento dos capitais norte-americanos investidos — diz Mr. Cabot.

Aqui, Mr. Cabot tem um valioso aliado na STMOG, não fosse a falta de documentação existente sobre as remessas OFICIAIS de lucros. Em todo o caso, para não ir muito longe, mencionaremos apenas um estudo (foi suspenso como o realizado pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, Segundo o Relatório Geral da Comissão (página 100 do tomo I), entre 1939 e 1952 para uma entrada líquida de apenas 13,2 milhões de dólares de capitais particulares, saíram do Brasil, como rendimentos desses mesmos capitais, 806 milhões de dólares. Isto é, o Brasil sofreu um prejuízo líquido de 793 milhões de dólares.

que é remetido sob a forma de pagamento de royalties, assistência técnica, etc., que monta a dezenas e até centenas de milhões de dólares por ano.

Quanto à percentagem que as remessas representam sobre o capital das empresas, que segundo Mr. Cabot seria de 3 por cento, vale aqui, antes de mais nada, uma ressalva: a que Mr. Cabot e a STMOG consideram capital estrangeiro não é senão, uma pequena parcela de capital realmente entrado no país, somada a uma parcela consideravelmente maior de capital nacional administrado pelo capital estrangeiro. Deste modo, ainda que a percentagem apresentada por Mr. Cabot fosse exata — e está muito longe de sê-lo — representaria soma elevadíssima, pois é calculada sobre um grande capital.

Claro que a Comissão Mista não inclui as remessas legais através do superfaturamento das importações e subfaturamento das exportações; também não inclui o

que é remetido sob a forma de pagamento de royalties, assistência técnica, etc., que monta a dezenas e até centenas de milhões de dólares por ano.

6 -- Onde estão os supostos monopólios estrangeiros no Brasil? No petróleo? Nos frigoríficos? Nos automóveis? — pergunta Mr. Cabot, e responde negativamente.

Vejam, por partes, começando pelos frigoríficos. Em 1959, segundo dados do Ministério da Agricultura, referentes aos Estados de São Paulo, Estado do Rio e Rio

de Janeiro, a produção nacional de carne bovina estava chegando aos Estados Unidos a 700 dólares a tonelada, ao passo que os produtores americanos sustentam o preço de 1.000 dólares a tonelada. Mesmo em se tratando de uma pequena concorrência, os Estados Unidos trataram de defender sua própria produção.

Além disso, entre 1934 e 1957 o Brasil não contava, praticamente, com tarifas protecionistas e as restrições impostas às importações decorriam principalmente da escassez de divisas.

A arma com que, há dez anos atrás, o udenismo procurava impedir a vitória do Sr. Getúlio Vargas nas eleições de 1950 — a aliança de legendas, com transtênia de votação — volta agora, dez meses antes do pleito presidencial, a preocupar as diferentes forças políticas.

A iniciativa de retirar do esquecimento o projeto do então deputado Afonso Arias — cuja constitucionalidade e justiça foram defendidas ardorosamente, na época, pelos líderes jacobinos de hoje — pertence ao deputado Ortiz Monteiro, do PST. O requerimen-

SETORES LOTTISTAS CONTRA

to que solicita a mesa da Câmara seja o projeto pôr em discussão com caráter de urgência conta já com cerca de 170 assinaturas. Possivelmente, se as articulações prosseguirem, virá a discussão logo que se reiniciem os trabalhos do Congresso.

Contudo, não está ainda claramente definida a posição de todos os partidos diante do projeto que introduz a soma de legendas. Por enquanto, apenas o bloco jacobino manifestou-se taxativamente a contrário. Esta posição está expressa em nota oficial do líder da UDN e no discurso de Jânio Quadros segunda-feira última em São Paulo. No ataque ao projeto os portavozes jacobinos chegaram mesmo a manifestações de completo desespero. O sr. Abreu Sodré, por exemplo, declarou que, aprovada a aliança de legendas, restaria a Jânio apenas a saída revolucionária.

Além disso, em setores lottistas manifesta-se uma reação desfavorável à iniciativa a cuja frente aparece o sr. Ortiz Monteiro. Recusam esses setores admitir qualquer mudança profunda no processo eleitoral depois de já oficialmente lançadas as duas candidaturas — Lott e Jânio —, temendo que essa mudança traga implicações capazes de perturbar a marcha da campanha eleitoral, em prejuízo da própria legalidade democrática.

Há mesmo entre numerosos partidários do marechal Teixeira Lott os que descobrem nas articulações

Grande do Sul (que compreendem as principais regiões geo-econômicas do país), a produção de carnes ascendeu a 575,8 mil toneladas, das quais 281,6 mil para o autoconsumo e 294,2 mil comercializadas. Destas últimas, 210,7 mil couberam nos frigoríficos, e em particular aos quatro frigoríficos estrangeiros 75 por cento daquele total, isto é, cerca de 160 mil toneladas. A percentagem que esse número representa sobre a parte comercializada — e é desta que se trata, quando se considera a atuação dos monopólios — é de quase 60 por cento. Por isso, porque detêm cerca de 60 por cento da produção, é que os monopólios estrangeiros da carne podem organizar um *stock-out* como o que organizaram, forçando o aumento do preço do produto de 62 para 120 cruzeiros o quilo, como forçaram.

Quando no petróleo, a distribuição de derivados de petróleo continua monopolizada pela Esso, Texaco, Atlantic e Shell, tendo surgido recentemente uma outra empresa, a Ipiranga, à base de um contrato com a Gulf. Como se vê, é elevadíssimo o grau de concentração de capital na distribuição dos derivados de petróleo no Brasil. Só Mr. Cabot não vê o monopólio...

Finalmente, quanto aos automóveis. Basta ver-se a variedade de veículos nas ruas do Rio para convencer-se de que não há monopólios, diz Mr. Cabot, o que é uma bobagem. Em reportagens anteriores já demonstramos que apesar de haver diversas empresas na indústria automobilística, no Brasil, as maiores são a General Motors e a Ford. Em 1959, por exemplo, da produção de caminhões (de maior valor que a de automóveis) prevalece pelo GEIA para 62.502 veículos, nada menos de 46.702 serão produzidos pelos dois grandes norte-americanos, que assim monopolizarão cerca de 70 por cento da produção nacional de caminhões, ditando os preços de venda, realizando maiores remessas de lucros, dividendos, amortizações, etc. Ou para Mr. Cabot isto ainda não será um monopólio?

Segundo o Padre Manuel Bernardes, a religiosa carmelita Ana de Santos Agostinho, descrevendo visão que teve das penas do Inferno, conta que as feras bramiam, os demônios uivavam e os sibilos dos dragões e serpentes ajudavam a entoar desventurada e triste música. Que diria a religiosa carmelitana se numa transposição de tempo e de espaço ouvisse os bramidos, uivos e sibilos dos dragões e serpentes da reação, com plena festa de Natal, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro?

Da fato, num chocante desrespeito as comemorações de fim de ano, saltaram-se no Rio dragões e serpentes da pior estirpe, que passaram a perturbar, com seus uivos, bramidos e sibilos, a música de importação, irradiada, com insistência mercantil, nos alto-falantes das casas que se especializam em artigo de Papai Noel.

Envergando o uniforme escuro da Polícia Municipal, os dragões investiam, de *«casse-tête»* em punho e revólver na cintura, contra os camelôs da avenida. Mas isso era café pequeno. A feijoada completa viria depois Lacerda lembrando a própria figura de Lúcio, depois de denunciar seus amigos de Aragarças, bramiam, uivava e sibilava, injuriando, num palavreado sóto, correligionários da UDN, exegetas do udenismo ortodoxo.

Também uivando, bramindo e sibilando, dragões e serpentes lançavam, pela boca do ministro Falcão, o anatema da ilegalidade, excomungando a greve dos oficiais de náutica. Estes foram presos, seu sindicato invadido e interdito. Contra eles brotaram sanções do cérebro de um senhor Marçal, do Lóide, que invocou, de público, para reforçar a legitimidade de suas teses, diversas leis em vigor, num coquetel de artigos, alíneas e parágrafos.

Ignorando, entre outras coisas, que as diferenças de conceitos refletem contradições objetivas, o ministro da Justiça afirmou que a greve era *«descabida e ilegal»*. Esse bramido ministerial sibilou repetidamente em variações orquestrais das manchetes, do rádio e da televisão. Mas o próprio governo depois resolveu atender em parte às reivindicações *«legais e descabidas»*.

Feito o *«escarcéu»*, dragões e serpentes com armas e bagagem, acorreram aos santuários para queimar incenso e entoar, em sua desventurada e triste música de fariseus, hosanas ao Natal.

Diante de tais fatos, é dispensável responder a afirmações de Mr. Cabot como aquela segundo a qual nenhum outro país tem ajudado tanto o Brasil a desenvolver-se, como os Estados Unidos. Em verdade, nenhum tem impedido tanto o desenvolvimento independente da economia nacional

2 -- O Brasil tem gozado, regularmente, uma balança comercial favorável em seus negócios com os Estados Unidos, disse Mr. Cabot.

O que o embaixador americano quer apresentar como uma generosidade americana é apenas um fenômeno característico das relações econômicas entre os países subdesenvolvidos e os países imperialistas. O saldo favorável ao país subdesenvolvido na balança comercial decorre da necessidade de que existam disponibilidades em divisas para a repatriação de capitais, para as remessas de lucros e dividendos e todas as demais formas de espoliação

a que o país imperialista submete o país atrasado. Se não houvesse saída de divisas na balança comercial, de onde os monopólios americanos, os bancos e companhias de seguros iriam retirar os dólares para remeter-lhes às suas matrizes? Mr. Cabot escamoteia mal a realidade. Por que, em vez da balança comercial não fala do balanço de pagamentos do Brasil com os Estados Unidos, que é sempre deficitário?

3 -- O saldo no comércio Brasil-Estados Unidos explica-se porque os produtos brasileiros entram livremente nos Estados Unidos, ao passo que os produtos norte-americanos sofrem restrições no Brasil — disse, em síntese, Mr. Cabot.

Qualquer país em desenvolvimento — e nesse sentido os próprios Estados Unidos são um dos melhores exemplos — tem que defender-se contra a concorrência estrangeira daqueles produtos que ele próprio fabrica ou produz. Não teria sentido os Estados Unidos — que não produzem café ou cacau — impor restrições à importação de café ou cacau. Se o fizessem, o maior prejudicado seria o próprio consumidor americano, que iria pagar mais caro por esses artigos, ou deixar de consumi-los.

Por que os Estados Unidos declararam imprópria para o consumo americano a carne brasileira, há poucos meses? Alegaram que a carne era portadora de febre aftosa, afirmação comprovadamente falsa, como mostraram os técnicos. De fato, o que houve foi que a carne nacional estava chegando aos Estados Unidos a 700 dólares a tonelada, ao passo que os produtores americanos sustentam o preço de 1.000 dólares a tonelada. Mesmo em se tratando de uma pequena concorrência, os Estados Unidos trataram de defender sua própria produção.

Além disso, entre 1934 e 1957 o Brasil não contava, praticamente, com tarifas protecionistas e as restrições impostas às importações decorriam principalmente da escassez de divisas.

4 -- O comércio com os Estados Unidos é um dos principais meios para o desenvolvimento do Brasil, disse Mr. Cabot.

Poderia sê-lo, dizemos nós. Poderia no caso de que os Estados Unidos, principal mercado comprador do Brasil, nos pagassem pelo nossos produtos o justo preço que eles valem. De fato, po-

rém, o que ocorre é que os nossos amigos norte-americanos pagam cada vez menos por quantidades cada vez maiores dos nossos produtos. Em 1901, com 21 sacas de café comprávamos 1 tonelada de

SOMA DE LEGENDAS: RESERVA EM CERTOS SETORES LOTTISTAS

ANO NOVO

(Conclusão da 1.ª pag.)

todos os homens e mulheres progressistas.

Com alegria verificamos também que as lutas do povo brasileiro não foram vãs. Se é verdade que os trabalhadores atravessam privações, como consequência da política de carterismo realizada pelo governo, é certo igualmente que o movimento operário se fortaleceu, e nem a repressão policial nem a obstinação dos patrões reacionários logrou impedir que os operários obtivessem, por vezes através de duras lutas, a satisfação de suas reivindicações. Se o imperialismo norte-americano intensificou sua pressão sobre o Brasil e o governo do sr. Kubitschek seguiu uma linha dúbia, de compromissos humilhantes com os tristes estrangeiros, a ver-

dade é que o movimento nacionalista ampliou suas posições e contribuiu decisivamente para a consolidação da candidatura do marechal Lott, para o repúdio às imposições do Fundo Monetário Internacional e para o reatamento de relações comerciais com a União Soviética, fatos que assinalam, entre outros, o progresso da causa da emancipação nacional em nosso país.

O caminho do povo brasileiro para a independência, a liberdade e o bem-estar ainda está chelo de obstáculos, 1960 se anuncia como um ano de duras batalhas contra o entre-guismo e todos os patriotas se lançarão a essas lutas confiantes em suas forças e na invencibilidade da causa que defendem.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

MANTER A UNIDADE

Encarando-se do ponto-de-vista constitucional, o projeto da aliança de legendas encontra vários at-

angustiante problema da carterista de vida.

Não se conhece, até agora, do próprio marechal Lott uma definição categórica a respeito do projeto da aliança de legendas. Suas declarações limitaram-se, por enquanto, ao reconhecimento de que o problema pertence mais aos partidos e ao Congresso do que às autoridades executivas.

POSIÇÃO DO PTB

O PTB e o PSP parecem ser os partidos mais interessados em levar avante os entendimentos acerca da soma de legendas. Participando da coalizão situacionista, mas sendo ambos os seus presidentes também candidatos à Presidência da República, manteriam esses partidos a sua aliança com o PSD ficando porém em condições de levar às urnas, independentemente, os nomes dos srs. João Goulart e Ademar de Barros, caso fosse aprovado o projeto.

Até então, tem sido discreta, contudo, a posição do PTB. O seu líder na Câmara Federal, sr. Oswaldo Lima Filho, fez declarações favoráveis ao projeto. Mas não foi além disto. Espera-se que o Partido Trabalhista só venha a se definir de forma taxativa depois que o seu presidente voltar de São Borja. Já então a situação estará mais madura, possibilitando um pronunciamento definitivo.

O aniversário de Luís Carlos Prestes, que transcorre no próximo dia 8, será amplamente festejado pelos correligionários e amigos do ex-senador caroco.

Nesse dia, domingo, haverá um piquenique na Ilha de Paqueta. A condução partirá às 7,30 e 9,30 do fim da rua do Rosário, próximo ao Entrepósito de Pesca.

Os convites para o piquenique em que os amigos e companheiros de Prestes comemorarem o seu natalício podem ser encontrados na gerência de NOVOS RUMOS.

Solidariedade aos perseguidos políticos de Espanha e Portugal

GOVERNADOR DO AMAZONAS ADERE AO MOVIMENTO

SÃO PAULO, 21. (da cursal) — Novas e importantes adesões de personalidades e instituições políticas, econômicas, sociais e religiosas do Brasil e dos demais países da América do Sul...

porções, contando com a participação de escritores, intelectuais, estudantes, trabalhadores, parlamentares e a colaboração de industriais, como por exemplo dos proprietários do Moimho São Jorge...

penas inconcebíveis, inclusive a de morte, na Espanha, e os Tribunais Plenários em Portugal, órgãos ditatoriais que sofocam os atos reivindicatórios econômicos e sociais...

Cívica Radical do Povo, Partido Socialista, Partido Democrata Progressista e outros; senadores, deputados, professores, universitários, escritores, arquitetos, poetas, etc.

URUGUAI, CHILE E OUTROS PAISES

Todos os jornais de Montevideo publicaram no dia 8 passado uma entrevista coletiva concedida à imprensa pelo deputado Luiz Hierro Garibaldi...

NA ARGENTINA

Realizou-se em Buenos Aires, há uma semana, reunião preparatória à Conferência naquele país, para a qual foram convidadas cerca de 80 instituições...

À mesma tempo prossegue a campanha de adesões, já havendo aderido a Sociedade Argentina de Escritores (SAE), Associação Cultural Argentina para a Defesa do Meio (ASCUA), Associação de Jornalistas...

NOTAS SOBRE LIVROS

ASTORILDO PEREIRA

Natal de luto, negro fim de uma para a inteligência brasileira, com avioes em fogo despenhando do céu e onatando dezenas de pessoas — entre as quais, Octávio Tarquínio de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, Benjamin Soares Cabello, Luciano Carneiro, José Valadares, Enéias Nunes Miranda...

Octávio Tarquínio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira formavam um casal perfeito, cuja ventura conjugal parece que se apurava com o labor literário, que era a outra paixão de ambos, e de que resultaram algumas das mais belas e sólidas obras da nossa literatura.

Lúcia Miguel Pereira, escritora de alto nível, distinguiu-se principalmente por seus trabalhos de pesquisa na nossa história literária, e são dela as melhores biografias que ainda temos de Machado de Assis e Gonçalves Dias.

Benjamin Soares Cabello — o Cabejito — esse eu o conhecia de perto desde 1927. Era então um quase menino, magro e vibrante, tendo chegado ao Rio, pouco antes, vindo do Uruguai, onde se exilara depois dos bochinchos políticos.

em que se metera na terra natal. Era bem um gaúcho de fronteira, bravo, pelegador, generoso, e excelente rapaz no trato comum e pacífico.

Trabalhamos juntos no vespertino comunista A Nação, publicado de janeiro a agosto daquele ano, sob a direção de Leonidas de Resende, e com outro companheiro de redação, Paulo Lacorda, morávamos num quarto de modesta pensão de estudantes e comerciários, na Rua Silvío Romero.

Muitas coisas sucederam depois, e delas participaria Cabello, de uma forma ou de outra, estudando, construindo a sua vida, fazendo-se homem de negócios, sem jamais abandonar o jornalismo.

O magro Cabejito da juventude tornara-se, na maturidade, um sujeito sólido, robusto como um roble, vendendo saúde e confiança. E também tranquilidade, mas aqui, ao que suponho, tranquilidade apenas para vender, tranquilidade meramente exterior — o seu mundo interior era um vulcão de inquietações e insatisfações.

Não cheguei a conhecer pessoalmente o repórter Luciano Carneiro, nem o crítico de arte José Valadares, diretor do Museu do Estado da Bahia, e nunca ouvi falar de Enéias Nunes Miranda, considerado grande especialista em criação de peixes.

E que dizer das outras vítimas da catástrofe, homens, mulheres, crianças? Anônimos, nomes desconhecidos, pessoas de vida e condição diversas — bem mereceram todos a faixa de luto que os moradores de Ramos estenderam sobre a Rua Pessanha Póvoa, assimilando com justo sentimento a dor da cidade comovida.

Nos Estados estão sendo criados núcleos da Comissão Coordenadora, incumbidos de organizar as delegações para representá-los no conclave, conseguir o apoio moral e material de entidades e autoridades, etc. Nesse sentido os primeiros frutos estão sendo colhidos, chegando às mãos da Comissão Coordenadora as mais variadas adesões oriundas dos quatro cantos do país.

Em São Paulo, o movimento atinge considerável pro-

TEATRO

FIM DE ANO

Os alunos das escolas oficiais de teatro encerraram o ano letivo, como o fazem habitualmente, de maneira festiva, encenando pecinhas em um ato. No Conservatório Nacional de Teatro, os professores Dr. Gustavo Dória, João Bethencourt, Orlando Macedo, Ester Leão e esta cronista, apresentaram seus alunos, Sentimos a falta do Prof. Olavo de Barros, um dos nossos mais dedicados e dinâmicos professores...

História da URSS e dos E.E.UU.

Louis Aragon e André Maurois, renomados escritores franceses farão um livro dedicado à História da URSS e dos E.E.UU. Aragon se encarregará da parte soviética e Maurois da norte-americana.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

Ferrovários...

res professoral contra a aplicação do Decreto 9.000, a violação do direito de greve e a prisão de líderes sindicais. A mediata devolução do Sindicato dos Oficiais de Navegação...

TEATRO DE ARENA e TEATRO DOS 7

A óses admiráveis jovens do Teatro de Arena de São Paulo, a Gianfrancesco e Flavio Ranzel — autor e diretor de "Gimbo" — recém- chegado da Europa, aos dirigentes, diretor e intérpretes do Grupo dos 7...

BEATRIZ BANDEIRA

CAPISTRANO

parte "A língua dos caixunã do rio Ituaçu", da qual disse Koch Grünberg — ser obra de alto valor científico, quase sem paralelo na linguística e etnografia sul-americanas.

Outra iniciativa da Sociedade Capistrano de Abreu visa à publicação de uma revista setembrina, que terá o título de "Capistrano", cujo Conselho de redação será formado pelos Drs. Barbosa Lima Sobrinho, Américo Jacobina Lacombe, José Honório Rodrigues, Marcos Carneiro de Mendonça e Miguel Costa Lima.

Se é certo que o grande historiador, etnógrafo e crítico não adotou expressamente a teoria marxista da história, cabe-se que não a desentendeu, que de alguma maneira deve ter-lhe sentido a influência, embora o seu espírito se tenha forjado à luz dos princípios do evolucionismo Spenceriano...

Os "Capítulos de história colonial", obra sobre a qual poderíamos fazer alguns reparos, são por quase todos os entendedores hávidos como uma síntese superior a tudo quanto até

o seu tempo se havia escrito no Brasil acerca de nosso período colonial, principalmente pela sua objetividade, pela consistência com que estudam os fatos de nossa formação econômica e pelo determinismo social que o informa.

Nem deixaremos de salientar que o fato de serem muitos de seus livros obras de erudição os valoriza singularmente, porque, além de outras coisas, ensinaram os nossos historiógrafos a abeberar-se nas fontes puras para melhor documentar e fundamentar as suas produções.

M. C. F.

CARTÃO DE BOAS-FESTAS

O hábito é universal: um ano vai morrendo, outro ano vem chegando, homens se desejam felicidades, há uma confraternização que muitas vezes não existiu nos trezentos e sessenta e cinco dias daquele que está findando. Não importa que Natal e Ano Novo sejam, hoje, mais propícios ao comércio em geral do que as esperanças em particular; o que vale é saber que em todos os cantos do mundo há uma festa de aperar de mãos, há alegria em todos os olhos e muitos bôcos se abrem em risos e em canções.

ENEIDA

1959, Ano De Lutas e De Unidade Do Movimento Sindical Brasileiro

1959 foi um ano de continuas lutas reivindicatórias. O custo da vida, aumentando de forma alarmante, obrigou os trabalhadores de todas as categorias profissionais, das mais diversas regiões do país, a reclamar aumento salarial por meio de acordos, dissídios coletivos, e greves, algumas de grandes proporções.

A entrada em vigor dos novos níveis de salário mínimo, em 1º de janeiro do ano que termina, em nada modificou as condições de vida da grande massa trabalhadora. A tabela aprovada em 21 de dezembro de 1958 foi quase anulada 3 meses depois: o custo da vida, durante esse período, apenas no D. Federal e em S. Paulo, subiu cerca de 22%. De lá para cá, os preços dispararam. Neste último mês o aumento do custo da vida atingiu, nesta Capital, mais de 51%.

As medidas tomadas pelo Governo, como o congelamento dos preços dos principais artigos de consumo popular, o tabelamento da carne e do feijão, para não citar outros, foram anuladas ostensivamente pelos grandes acumularadores e pelos frigoríficos norte-americanos e ingleses.

Os aumentos salariais obtidos pelos trabalhadores não corresponderam à elevação do custo da vida. A maioria dos aumentos variaram de 25 a 35%, dependendo considerável decréscimo no orçamento das famílias dos trabalhadores. Esse fato determinou a manutenção dos movimentos reivindicatórios.

O salário mínimo em vigor já está totalmente superado. O próprio SIBET, órgão de estatística governamental, que vive sempre atacado nas suas estimativas sobre o custo da vida, confessou que de janeiro a novembro do corrente ano houve um aumento geral do custo da vida, nesta Capital, de 31%. Fosse

necessário, portanto, a imediata revisão dos atuais níveis de salário mínimo, conforme vem sendo reclamada em diversas conferências e assembleias sindicais.

MANIFESTAÇÕES CONTRA A CARESTIA

A batalha contra a carestia foi intensa. O movimento sindical não só participou diretamente dessa luta, como uniu suas forças com outras camadas sociais. Fêz-se a união entre as organizações populares, estudantis, e das donas-de-casa. As duas grandes manifestações em S. Paulo, o comício do dia 10 de setembro no Distrito Federal, as passeatas da fome no Rio Grande do Sul, as campanhas nos Estados de Minas Gerais, Ceará e Pernambuco, as lutas populares no Estado do Rio, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Alagoas, foram uma demonstração do descontentamento do povo e da intensidade que vai atingindo a organização desse movimento.

O movimento sindical, em todos os seus setores, colocou na ordem do dia essa questão. Por várias vezes dirigiu-se ao Governo propondo medidas e apoiando as autoridades que defenderam os interesses populares, como o general Uruel de Magalhães, quando na presidência da COFAP.

A luta contra a carestia no ano de 1959 tornou-se parte integrante da luta da classe trabalhadora, como elemento de defesa do valor adquirido de seus salários e vencimentos.

PREVIDÊNCIA E DIREITO DE GREVE

Os trabalhadores, ao lado de suas reivindicações econômicas, lutaram intensamente por seus direitos sindicais e por novas conquistas políticas. A batalha pela aprovação da lei orgânica da previdência social e da que regulamenta o

exercício do direito de greve, ocupou o primeiro lugar na ordem-dia de todos os comitês operários. Os senhores não tiveram forças que eles apresentaram foram rejeitadas pelos trabalhadores em manifestações públicas, como a de 23 de novembro nas assembleias do Palácio Monroe.

Essa luta teve uma grande importância. Abriu caminho para a necessária modificação de muitos dispositivos racionais da legislação social, principalmente no sistema sindical, que são incompatíveis com o avanço democrático do movimento operário. E, embora ainda perdure o funcionamento do decreto-lei 2.070, apoiar



O comício do dia 10 de setembro na Esplanada da Castela (Foto), promovido pelos sindicatos estrangeiros, foi uma das grandes manifestações contra a carestia que se realizaram no ano que finda. Milhares de trabalhadores estiveram presentes, apesar do ostensivo policiamento ordenado pelo Governo.

de por lutas trabalhistas, os trabalhadores se derrotaram em vista de sua extensão, mediante greves, que debruçadas ilegais tiveram a sua legalidade reconhecida, na prática, pelas próprias autoridades.

Vários movimentos tiveram lugar em 1959, e a sua característica principal foi a unidade. No dia 17 de fevereiro se iniciou a greve no D.



Federal, de 17 a 21 de março trabalhadores, exigindo o pagamento do novo salário mínimo a partir de 1º de janeiro. Esse movimento atingiu várias categorias profissionais e se estendeu a alguns Estados.

Realizaram-se grandes greves no setor marítimo, rodoviário, aéreo, viário, ferroviário, têxtil, construção civil, gráficos, etc. A dos operários marítimos durou 16 dias, das Trovões de Santa André, 72 dias.

Fatos importantes no ano de 1959, foram também os movimentos grevistas de servidores pú-

blícos em todos os ramos profissionais: conferências, convenções e congressos. Vejamos: 2º Congresso Sindical do Estado de Minas Gerais (27 a 31 de janeiro); 2º Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas (São Paulo, 1 a 4 de abril); 2º Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Brasil (Itanhem, 7 a 12 de abril); 2º Congresso dos Trabalhadores do Sorgido (Aracaju, 17 a 21 de abril); 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Têxteis (Rio de

Janeiro, 17 a 21 de junho); 1º Congresso dos Trabalhadores Gudeiros (P. Alegre, 28 a 30 de maio); 2º Congresso dos Trabalhadores Fluminenses (Niterói, 27 a 30 de junho e 1º de julho); 1º Congresso Brasileiro dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário (São Paulo, 1 a 4 de julho); 8º Congresso Nacional dos Jornalistas (Fortaleza, 4 a 7 de setembro); 2º Congresso Regional dos Trabalhadores de Alagoas (Maceió, 1 a 4 de novembro); Congresso Extraordinário dos Trabalhadores do Rio Grande do Norte (Natal, 4 a 7 de setembro) e 1º Congresso dos Trabalhadores do Maranhão (São Luís, 13 a 15 de novembro).

A melhor manifestação unificada de 1959 foi, sem dúvida, a II Conferência Sindical Nacional, realizada de 29 a 22 de novembro, no Palácio do Metrópoli, nesta Capital, com a presença de 2 mil delegados e todos os dirigentes sindicais do Brasil, dando uma demonstração impressionante de unidade.

As suas discussões, debates de conteúdo político, de aspectos práticos, constituem um admirável programa de ação para a classe trabalhadora.

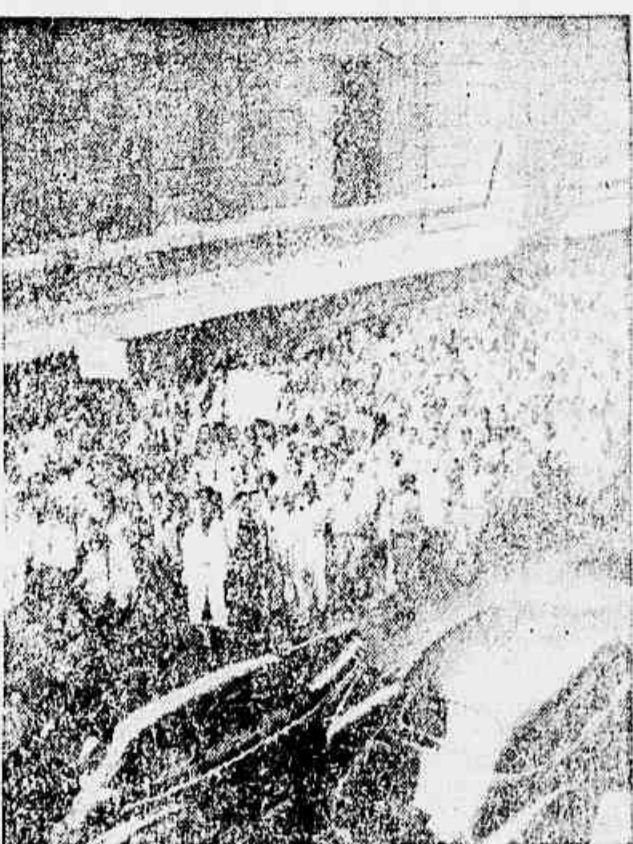
A organização sindical em sua reforma em 1959, através do Congresso Nacional dos Trabalhadores em 1º de

junho, e a aprovação da lei orgânica da previdência social e da que regulamenta o exercício do direito de greve, ocupou o primeiro lugar na ordem-dia de todos os comitês operários. Os senhores não tiveram forças que eles apresentaram foram rejeitadas pelos trabalhadores em manifestações públicas, como a de 23 de novembro nas assembleias do Palácio Monroe.

Essa luta teve uma grande importância. Abriu caminho para a necessária modificação de muitos dispositivos racionais da legislação social, principalmente no sistema sindical, que são incompatíveis com o avanço democrático do movimento operário. E, embora ainda perdure o funcionamento do decreto-lei 2.070, apoiar

de por lutas trabalhistas, os trabalhadores se derrotaram em vista de sua extensão, mediante greves, que debruçadas ilegais tiveram a sua legalidade reconhecida, na prática, pelas próprias autoridades.

Vários movimentos tiveram lugar em 1959, e a sua característica principal foi a unidade. No dia 17 de fevereiro se iniciou a greve no D. Federal, de 17 a 21 de março trabalhadores, exigindo o pagamento do novo salário mínimo a partir de 1º de janeiro. Esse movimento atingiu várias categorias profissionais e se estendeu a alguns Estados.



Os 650 recelões da Fábrica Confiança (Foto) acamparam com suas famílias nas escadarias do Ministério do Trabalho, no mês de setembro, e só saíram de lá após terem feito um acordo de pagamento dos salários que há mais de três meses não recebiam.

diários surgiram. O número de sindicalizados aumentou, e vai crescendo a organização de conselhos sindicais nas fábricas e em setores de trabalho. O reforçamento da organização sindical se deve às consecutivas vitórias do movimento reivindicatório, a unidade e a justa atividade dos sindicatos.

Rompem-se os obstáculos que mantinham distanciado o movimento sindical brasileiro do de outros países. No ano de 1959 vieram ao Brasil dirigentes sindicais de várias nações e de tendências diversas. Dirigentes da CIOBI, ORIT e da FSM e de seus departamentos profissionais. Todos eles mantiveram, sem constrangimento, contato com os líderes do movimento sindical brasileiro. Várias delegações sindicais de nosso país, por outro lado, visitaram diversos países do exterior. Essa atividade está sendo intensificada. Por decisão da II Conferência Sindical Nacional, o movimento sindical brasileiro pretende organizar, em 1960, um encontro de trabalhadores e de organizações sindicais da América.

POSIÇÃO POLÍTICA

A intensa atividade do movimento operário e sindical em 1959 criou condições para que se fizesse de 1960 um ano de afirmação decisiva na vida política de nosso país. O Congresso Sindical Nacional, a realizar-se na primeira quinzena de junho, será a etapa culminante da ampliação e consolidação da unidade de ação e orgânica. Todas as lutas que se prepararam visam também unificar a ação política dos trabalhadores no pleito eleitoral de 1960. A posição da classe trabalhadora está definida em sua luta decisiva pela criação e defesa da Petrobrás, pela criação pelo a CEREQ, na de

fesa da construção naval e do material ferroviário, na luta contra as imposições do FMI, na batalha pela ampliação do mercado externo brasileiro, na luta, enfim, contra os trusts e monopólios internacionais, principalmente, contra os imperialistas lanques.

Empunhando com firmeza a bandeira da unidade, nacionalista, anti-imperialista, os Trabalhadores do Brasil, saberão fazer de 1960 mais um ano de vitórias, de fortalecimento de suas organizações sindicais e de decisão para os destinos do Brasil.

Começa... O «DESARRANAMENTO» LATINO AMERICANO

A grande imprensa tem dito, durante os períodos das presidências de Getúlio e de Jânio, existindo, entre os países latino-americanos, um processo de desarranamento da América Latina. A tal desarranamento, que se manifesta através de uma série de fenômenos políticos, econômicos, sociais e culturais, que se manifestam em forma de crises, de instabilidade política, de desconfiança mútua, de desorganização econômica, de desequilíbrio social, de desorientação política, de desintegração cultural, etc. Este processo de desarranamento, segundo os autores da tese, é o resultado de uma série de fatores, entre os quais se destacam: a influência da grande imprensa internacional, a ação dos Estados Unidos, a influência da grande imprensa brasileira, a influência da grande imprensa portuguesa, etc. Este processo de desarranamento, segundo os autores da tese, é o resultado de uma série de fatores, entre os quais se destacam: a influência da grande imprensa internacional, a ação dos Estados Unidos, a influência da grande imprensa brasileira, a influência da grande imprensa portuguesa, etc.



Após uma luta travada há longos anos, e que culminou com uma greve geral de 15 dias, os operários do Têxtil e da Seta conquistaram a grande vitória do ano, conseguindo a aprovação do 'Quatro de Carreiras'. Na foto, uma assembleia dos grevistas no local de trabalho.

Sindicato dos Oficiais Marceneiros e Trabalhadores nas Indústrias de Serrarias e Móveis de Madeira do Rio de Janeiro

Endereço: Rua Camerino, 128 - 2º andar - Centro 201

Desça a todos os associados e suas respectivas famílias e aos trabalhadores em geral, na Festa Anual que em 1960 será plena de alegria, paz e prosperidade para o povo do Brasil e do Trabalho.

A Diretoria: José Amador de Moraes — Roberto Alves Magalhães, Sebastião — Sebastião Alves da Silva — Ivã Barbosa Moura — Geraldo Majela da Costa — Roberto Moreira.

Balanco do ano revela:

PROTECCIONISMO AO CAFE CAUSA BASICA DA INFLACAO

Em todos os aspectos pelos quais se procura analisar a economia brasileira de 59, há um fator sempre presente, cuja influencia não pode ser afastada: a inflação. No ano que agora se encerra, o país atravessou uma fase recorde de agravamento do processo inflacionário. Segundo os dados mais recentes da Fundação Getúlio Vargas — tidos como índices oficiais da conjuntura econômica — a alta do custo de vida, traduzida em desvalorização da moeda, é superior a 50 por cento neste ano; isso representa mais do que o dobro da média anual de desvalorização da moeda nos últimos anos.

É fácil conceber os efeitos deste súbito agravamento do processo inflacionário. Não apenas é representada uma insuportável perda de substância dos salários e outros meios de subsistência dos que vivem de rendas fixas, que são a grande maioria da população. Ele age também como fator de desorganização da economia, dificultando, ainda mais, senão impedindo, totalmente, o planejamento da atividade econômica do Estado e, mesmo, das empresas particulares.

A própria análise da conjuntura econômica fica prejudicada. Já em 58 este fato se fez sentir. Houve então, um crescimento do chamado produto nacional bruto de cerca de 20 por cento. Esta cifra, entretanto, devia ser corrigi-

da em função da taxa de desvalorização da moeda, que foi de 16 por cento, em todo o ano. Mas, tanto o processo de soma do p. n. b. (produto nacional bruto) como o de apuração da queda de valor da moeda deixam uma margem de erro. No Brasil, onde os trabalhos de estatística são ainda, muitas vezes, rudimentares, alguns técnicos afirmam que esta margem de erro não pode ser considerada inferior a 20 por cento, para mais e para menos. Em tais condições, não se pode afirmar a rigor que houve aumento ou decréscimo do p. n. b. brasileiro, em 58, embora oficialmente esteja constando como válida a cifra de mais 4 por cento, resultante da consideração, sem restrições, do cálculo oficial deflacionado do p. n. b.

Pode-se esperar que em 59 será ainda mais difícil, para os técnicos do Governo, medir o grau de desenvolvimento da economia, mormente tendo em vista o fato de que não há indícios de que, em conjunto, a economia brasileira se tenha desenvolvido, em 59, num ritmo muito diferente do observado em 58.

Pressão do café

Enquanto o processo inflacionário resultava apenas numa pressão moderada, mas constante, sobre as condições de vida

do povo, o Governo e as classes dirigentes do país não se inquietavam com ele. Pelo contrário, a inflação vinha sendo defendida por eles, e incorporada, como método desenvolvimentista, ao que chamam de filosofia do Governo. Agora, entretanto, que o setor inflacionário passa a prejudicar também as classes dirigentes, sobretudo a burguesia industrial, estas se vêem na obrigação de conter o processo, e acordam para os seus custos.

Em seu último número, de novembro, a revista «Desenvolvimento & Conjuntura», órgão da Conferência Nacional das Indústrias, refletiu esta mudança de opinião da burguesia brasileira em relação ao problema da inflação. Num artigo combativo que dedicou à questão, esta revista aponta ao Governo o que considera o grande fator que está atuando como pressão inflacionária: o café. Também o sr. Pais de Almeida, ministro da Fazenda, falando há poucos meses em Washington, chamou a atenção para o impacto inflacionário que representam a desvalorização externa da moeda, em função da queda dos preços externos do café, e o financiamento dos excedentes da produção cafeeira nacional. O próprio Presidente Kubitschek, discursando dias atrás na Escola Superior de Guerra, encontrou palavras para

acoitar o setor cafeeiro, descobrindo a favor que para este representa a inflação.

Com efeito, o café tem sido um grande salvador da substância da moeda brasileira, e tudo indica que é ele o maior responsável pela atual salta inflacionário. Por um lado, atenua a aceleração da queda dos preços externos do produto, que o atual mecanismo cambial traduz sempre em desvalorização interna da moeda. Por outro lado, a docilidade do Governo em relação aos interesses dos cafeeiros tem obrigado a moedas emissoras de papel-moeda, para financiar a produção da rubiaca e evitar grande parte dela. O artigo ainda de «Desenvolvimento & Conjuntura» calcula em cerca de 90 bilhões de cruzeiros a soma de recursos empregados pelo governo em um ano, para financiamento da produção cafeeira. Grande parte desta soma, cerca de 40%, representa uma parcela integralmente inflacionária, uma vez que se destina ao financiamento da produção que não encontra compradores no mercado internacional e, portanto, se acumula como estoque. Em 58, dos 25 bilhões de sacos produzidos, 13 ficaram como excedentes. Em 59 a produção prevista é semelhante. Resulta disso um paradoxo: o setor cafeeiro, o que maior crescimento e que apresenta sinais de maior prosperidade, na economia do país. Os preços externos do produto caem vertiginosamente, enquanto sobem, numa curva igualmente acentuada, os excedentes improveitados da produção. Em circunstâncias normais isso representaria a debéila para qualquer setor de uma economia capitalista. No entanto, o que se observa é que a produção de café continua aumentando, porque a política governamental transfere para o conjunto da economia os prejuízos que a conjuntura de crise deveria acometer para os cafeeiros e, mais ainda, assegura uma alta contínua de preços para os que consomem e produzem café, que se traduz em estímulos para novos plan-

teios por empresas norte-americanas. No combate a estas causas, entretanto, o Governo não demonstra nem sequer a hesitante disposição que mostra em relação ao café.

Outro fato marcante do ano econômico brasileiro de 59 é a sensível redução do déficit inicialmente previsto para o balanço de pagamento com o exterior. No início do ano era geralmente aceito que este déficit, em dezembro, estaria dentro da casa dos 300 milhões de dólares. Esta previsão, somada ao déficit efetivo de 58, da mesma ordem, causou alarmo nos círculos do Governo, e deu coragem ao imperialismo norte-americano para reforçar a sua pressão no sentido de obter daquele medidas entreguistas, sobretudo em relação ao petróleo e à política cambial. Usando como instrumento o Fundo Monetário Internacional, os grupos financeiros ianques fizeram exigências ao Governo brasileiro como condição para o empréstimo que se destinava a financiar o déficit.

Negando-se a ceder às condições do FMI, mas sem coragem para adotar as medidas que os nacionalistas recomendam para o saneamento do balanço de pagamentos — contenção dos remessas de lucros e controle efetivo do comércio exterior, adotou o Governo soluções de contenção porzocização. Aceitou condições exorativas, através das chamadas operações de swaps, com as quais certos bancos e empresas ianques se dispunham a romper a combinação com o FMI, de bloqueio ao Brasil, e adotar este meio para suprir, gradualmente, as suas necessidades de dólares. Segundo informações do Ministro Pais de Almeida à Câmara dos Deputados em outubro já subiam a 75 milhões de dólares as operações deste tipo.

É claro, entretanto, que tal tipo de operações cambiais não bastaria para cobrir um déficit da ordem de 300 milhões de dólares. Interviu contudo um fator que se tornaria decisivo para permitir ao Governo persistir no caminho de «resistência passiva» ao imperialismo: o aumento das vendas de café, e conseqüente diminuição do déficit do balanço de pagamentos. Apesar da contínua e acelerada queda nos preços externos do principal produto brasileiro de exportação, uma série de circunstâncias e expedientes se reuniram para resultar num aumento da receita com as vendas de café para o exterior. O sr. Renato Costa Lima, presidente do IBC, tem afirmado à imprensa que as exportações de café, em 59, somarão 18 milhões de sacos, e não se pode dizer que ele exagera. Isso representa, apesar da queda de preços, um considerável aumento da receita, em relação a 58, o que, ao lado de algumas medidas de contenção dos importações, possibilitou uma redução para cerca de 160

milhões de dólares o déficit global do balanço de pagamentos.

Este fato auspicioso para a economia do país foi reforçado pela decisão do Governo de, finalmente, negociar um acordo de comércio com a União Soviética. Apesar de que o vultoso do acordo tenha resultado aquém das possibilidades que existem para um intercâmbio brasileiro-soviético, ele, pelo menos, confirma e reforça a perspectiva de, através deste intercâmbio, dar solução a grande parte de nossos problemas até hoje permanentes de balanço de pagamentos.

Negando-se a ceder totalmente às imposições imperialistas e buscando novos caminhos para a expansão do nosso comércio exterior, mas, ao mesmo tempo, evitando levar a cabo, com energia, a política de resistência e independência em relação ao imperialismo, procurando compatibilizar e lidar os problemas, o Governo brasileiro não conseguirá obviamente dar solução real às nossas dificuldades.

FERROVIÁRIOS DA CENTRAL

ACAMPAMENTO DE PROTESTO NO MINISTÉRIO DA VIAÇÃO

Os trabalhadores do setor de obras e es-tudados da referida 19 da Central do Brasil estão abertos a ocupar as instalações do Ministério da Viação, até que sejam atendidas todas as suas reivindicações. Ademais, os quais se transformaram em 194, não se pode mais postar em execução.

O QUE QUEREM

Os operários do setor que

estão querem receber os seus vencimentos de acordo com o ato do presidente da República publicado no Diário Oficial de 11.9.59, que os considerou extrajornistas remunerados. Outros beneficiários também não foram atendidos ao pessoal de obras.

O Sindicato da referida 19 por outro lado, reclamam o pagamento do abono de 20 %, estipulado sobre o último salário de seis mil cruzeiros. A Diretoria da Central do Brasil, buscando o ponto de vista governamental que impede a nova salarização, mantém a pagar o abono dos trabalhadores na base do último salário de 3 mil cruzeiros.

Governo Janista De S. Paulo Espanca e Prende Operários

(Conclusão da 1ª. parte)

tal, a noite, em seu Sindicato, os motoristas da CMTC deliberaram enviar uma delegação ao Palácio dos Campesinos Elísio, a fim de entrar em contato com o governador do Estado. Tudo em vão. Deram-se, então, a Delegação Regional do Trabalho, avistando-se com a delegação. Também ali nada conseguiram. Retornaram, portanto, ao Sindicato, a fim de dar conhecimento dos fatos aos seus companheiros reunidos em Assembleia. Nessa oportunidade, três mil trabalhadores resolveram fazer uma paralisação de protesto e não cessar até que fossem atendidos os seus pontos de reivindicação, assim que estavam trabalhando.

SELVAGERIA POLICIAL

O que se passou, então, assumiu contornos de verdadeira selvageria policial nos trabalhos.

Quando os trabalhadores entraram no trabalho, para fazer os trabalhos, os pontos de trabalho foram fechados, a fim de impedir a saída dos trabalhadores. Os pontos de trabalho foram fechados, a fim de impedir a saída dos trabalhadores. Os pontos de trabalho foram fechados, a fim de impedir a saída dos trabalhadores.

OS HOMENS E SEUS ATOS

É prosseguir o documento. Colher-se os homens no processo. Será que a Polícia não pode fazer propriamente? Não. A Polícia resolveu atacar do povo, não do Estado. Verjam, em 1959, quando o governador do Estado, Kubitschek, foi que se tornou o primeiro governador brasileiro, que era favorável ao direito de greve. Em 1959, o governador do Estado, Kubitschek, foi que se tornou o primeiro governador brasileiro, que era favorável ao direito de greve.

ENTENDENDO A LIDERANÇA SINDICAL

Os trabalhadores do setor de obras e estudos da referida 19 da Central do Brasil estão abertos a ocupar as instalações do Ministério da Viação, até que sejam atendidas todas as suas reivindicações. Ademais, os quais se transformaram em 194, não se pode mais postar em execução.

Evasão de renda e monopólio

Os trabalhadores do setor de obras e estudos da referida 19 da Central do Brasil estão abertos a ocupar as instalações do Ministério da Viação, até que sejam atendidas todas as suas reivindicações. Ademais, os quais se transformaram em 194, não se pode mais postar em execução.

Observações Sobre a Situação Venezuelana

Conclusão da 9ª. Parte. se manifestaram em diversas ocasiões, inclusive no seu último Congresso Nacional.

Hoje, o povo imbuído de tantas tradições de luta pela liberdade, pugna pela realização de um programa de transformações econômicas, para conquistar uma política exterior independente e para consolidar e ampliar as franquias democráticas, procurando extirpar as bases econômicas e sociais dos regimes de tirania que tanto mal fizeram ao país. Esse programa pode assim ser resumido: — Revisão dos tratados lesivos com os Estados Unidos e acordo na base da igualdade de direitos, de respeito mútuo e das vantagens recíprocas; relações com todos os países do mundo, na base dos

mesmos princípios: plano de independência econômica, visando a criação de uma empresa petrolífera nacional, aumento dos royalties sobre o petróleo, proibição de novas concessões, monopólio da indústria petroquímica e da siderúrgica, etc.; melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras e estabilidade de emprego para os operários do petróleo; reforma agrária democrática e defesa da democracia.

Evasão de renda e monopólio

Os trabalhadores do setor de obras e estudos da referida 19 da Central do Brasil estão abertos a ocupar as instalações do Ministério da Viação, até que sejam atendidas todas as suas reivindicações. Ademais, os quais se transformaram em 194, não se pode mais postar em execução.

Observações Sobre a Situação Venezuelana

Conclusão da 9ª. Parte. se manifestaram em diversas ocasiões, inclusive no seu último Congresso Nacional.

Observações Sobre a Situação Venezuelana

Conclusão da 9ª. Parte. se manifestaram em diversas ocasiões, inclusive no seu último Congresso Nacional.

NA ROTA DO ABASTECIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

Plano Já Existe Só Falta Aplicar

O problema do abastecimento do Rio de Janeiro só é objeto da atenção do governo quando há uma crise mais séria, provocada pela sonhegação de gêneros ou por contração da produção agrícola. Nestas ocasiões, são elaborados planos a curto e mesmo a longo prazo que movimentam durante algum tempo certas repartições para se-

rem logo arquivados. Passam os anos, mudam os prefeitos e os secretários da agricultura, e a situação permanece exatamente a mesma, ou se agrava ainda mais. Dominada até há pouco por dois grandes grupos monopolistas, o da rua do Acre, que controla principalmente os cereais, e o do Mercado Municipal, a ofer-

ta de gêneros alimentícios, em vista da precariedade do comércio varejista realizado pelas feiras-livres, passou a contar com outro grupo monopolista importante, na área do comércio a varejo: os grandes empórios particulares. Neste grupo destacam-se o mercado do Disco, as Casas da Banha, as Mercadorias Nacionais, Brasileiras e Cariocas, cada uma com perto de uma dezena de filiais, no mínimo, algumas possuindo 3 ou 4 vezes mais. Enquanto isto, os empórios da Prefeitura, os trinta e poucos Mercados Regionais, ao invés de serem utilizados como arma de defesa do produtor, mediante a compra de produtos a preços mais altos, e do consumidor, pela eliminação dos intermediários, têm seu mecanismo perturbado pelo empirismo e pela subserviência da Prefeitura aos grupos açambarcadores.

MEDIDAS DEFINITIVAS
Para resolver a longo prazo o problema do abastecimento no Rio de Janeiro, é necessário afastar ou, pelo menos, limitar a ação dos grupos monopolistas que controlam o mercado atacadista e parte do varejista. Isto, porém, é impossível se não houver uma política de ajuda ao produtor, em substituição ao sistema de crédito usurário e explorador atual. Esta solução poderia ser encontrada na organização de uma cooperativa central dos produtores do Distrito Federal, englobando todos os pequenos agricultores que abastecem a capital. Ampliada a rede de mercados distribuidores da PDF, esta poderia desempenhar o papel atualmente cumprido pelos intermediários do Mercado Municipal, redistribuindo para as feiras e empórios os alimentos produzidos no «sertão carioca». Paralelamente, deveriam ser organizados em todos os bairros super-mercados varejistas abastecidos diretamente pelo produtor. Estes supermercados podem tornar-se elemento de controle dos grandes empórios particulares que já começam a ameaçar com o monopólio do comércio varejista de gêneros alimentícios. Ao mesmo tempo, ga-



As barracas das cooperativas agrícolas, evitando os intermediários, vendem gêneros à população a preços bem inferiores e de melhor qualidade. Entretanto, o comércio tem sido prejudicado pela falta de apoio da PDF e pela oposição organizada dos «donos» do Mercado Municipal, que põem na lista negra as cooperativas que vendem diretamente ao consumidor.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Povo protestou contra Prefeito que retirou torre de petróleo

SÃO PAULO (Da Sucursal), 21 — Uma delegação de 150 pessoas lotando 3 ônibus e várias perúas rumou no dia 19 p.p., para São João da Boa Vista onde estava programado um grande comício nacionalista, integrando a delegação se encontravam os deputados Benito Gonçalves, Dagoberto Salles, Nelson Omega, Germinal Feijó, Wilson Rahal — representando o mar, Lott, Luciano Lepera, Miguel Jorge Nicolau, vereador Matilde de Carvalho, líderes sindicais e estudantes, tal, Stoll Nogueira e outras personalidades. Cerca de 5.000 pessoas compareceram ao comício onde se realizou o comício que durou três horas, num entusiasmo crescente, revelando seu descontentamento frente as atitudes arbitrárias que há algum tempo vêm sendo adotadas pelo prefeito local.

gou a comparecer ao comício, para o qual foi convidado por uma comissão.

POVO CONTRA ARRUA-CEIROS E A AÇÃO DA FORÇA PÚBLICA

Cento e cinquenta soldados da Força Pública do Estado foram mobilizados e armados de metralhadoras, seguiram em passo a passo os organizadores do comício, ameaçando-os enquanto nada faziam contra arrua-ceiros que procuravam tumultuar o ambiente. Em dado momento, quando reportes fotográficos dos «Diários Associados» e da «A Hora» tentaram fotografar flagrantes do comício e dos atores que se substituíam na tribuna, grupos de arrua-ceiros se atraíram selvagememente contra os fotógrafos. Ambos foram feridos, as máquinas fotográficas danificadas, o que revoltou a população que gritava: «Queremos a torre hoje! Queremos a torre hoje!»

ANTECEDENTES

São João da Boa Vista foi palco de doloroso acontecimento quando as provocações antifuncionárias e anticomunistas levaram o candidato derrotado da Prefeitura no suicídio por ocasião do último pleito. Novamente, surgiu um impasse quando o prefeito Anos de Araújo Aguiar impediu que os nacionalistas e o povo daquela localidade colocassem a torre de petróleo que o mesmo removeu, bem como se ne-

TORRE DE PETRÓLEO

A torre simbólica de petróleo encontra-se na sede do comitê, em vista da intransigência do prefeito em não autorizar a instalação da mesma. Todavia, foi impetrado mandado de segurança para aquele fim, por iniciativa do deputado Miguel Jorge Nicolau e uma ação popular judicial contra o chefe da Executiva, para o que foram colhidas assinaturas entre os presentes.

Um Condenado à Morte Escapou

UM CONDENADO À MORTE ESCAPOU (Um Condamné à Mort S'Est Echappé) é o último grande lançamento cinematográfico do ano e, ao mesmo tempo, o primeiro acontecimento importante de 1960, no Rio de Janeiro. O filme de Robert Bresson, realista, seco e brilhante, por si só, asseguraria ao seu realizador um lugar definitivo entre os grandes nomes da sétima arte. Bresson partindo de um fato real, a fuga do comandante Divigny de uma prisão nazista, extrai toda a tensão existente do episódio construindo um filme altamente dramático. A atmosfera de expectativa vivida pelo condenado à morte, o isolamento celular só quebrado pelo rápido passeio no pátio da prisão, os sons substituindo as impressões visuais do prisioneiro, são os elementos essenciais de «Um Condenado à Morte Escapou». Robert Bresson dá uma lição de estilo, de concisão de imagens, de sobriedade narrativa. Transformando seu filme em obra antológica destinada a ficar nas cinematecas ao lado de «Intolerância», «O Encarcelado de Polemkin», «Tempos Modernos», etc. Sena que o espectador se aperceba, lentamente, vai se identificando com o herói encarcelado, participa de suas emoções, torcendo de e esperadamente para que tudo dê certo. Não há sensacionalismo na reconstrução da fuga. Tudo é simplesmente retratado - as comunicações com os outros companheiros de prisão apenas sussurradas, sem se poderem ver; o trabalho penoso executado



lhido entre outros não profissionais. A fisionomia juvenil, a espontaneidade dos gestos dão ao difícil trabalho de Leterrier o realismo exigido pela história. Como ator não poderia ser melhor pela sobriedade e sinceridade demonstradas. A fotografia de Louis-Henri Burel funciona de acordo com o estilo seco do diretor Bresson.

O intérprete de «Um Condenado à Morte Escapou», François Leterrier, foi escolhido entre outros não profissionais. A fisionomia juvenil, a espontaneidade dos gestos dão ao difícil trabalho de Leterrier o realismo exigido pela história. Como ator não poderia ser melhor pela sobriedade e sinceridade demonstradas. A fotografia de Louis-Henri Burel funciona de acordo com o estilo seco do diretor Bresson.



Cena de «Um Condenado à Morte Escapou», o 1º grande filme de 1960

DIRETRIZES E BASES

Dois Artigos Imorais; Dois Inconstitucionais

Em 18 de janeiro próximo deverá ser submetido ao plenário da Câmara Federal, para última discussão, o substitutivo ao Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, apresentado pela Comissão de Educação e Cultura daquela Casa.

Temos assim as reticências finais que a importante matéria receberá antes de ser encaminhada ao Senado. Não se pode, porém, deixar de advertir para os graves defeitos de que padece, sendo mesmo recomendável um exame mais seguro de sua constitucionalidade.

São conhecidas as intencionalidades de interesses privados que atingiram os pontos básicos desse projeto, transformando-o, de um instrumento que regulava as diretrizes e bases da educação nacional, em um balcão de distribuição das verbas públicas para os comerciantes do ensino. Neste sentido várias manobras foram experimentadas desde a apresentação do inconstitucional Substitutivo Lacerda, até a pressão direta sobre os membros da Subcomissão de Educação e Cultura. Chegou a aparecer um projeto elaborado pelas correntes clerical e privatistas que foi corretamente apresentado à Subcomissão de Educação e Cultura como o novo termo entre as teses governamentais e o Substitutivo Lacerda. Com a falência de todas estas investidas, inclusive o repúdio ao «projeto» clandestino, surgiu finalmente o texto atual.

PROJETO PRIVATISTA

A redação atual é fundamentalmente reflexo da surda batalha de interesses travada em torno da distribuição das verbas oficiais destinadas à educação. Não podia, portanto, deixar de encerrar uma orientação ineficaz e contraditória. Vinhando o projeto em sua redação atual, teríamos bases e diretrizes da educação livremente ao sabor dos mandatarios do Conselho Federal de Educação e das variações políticas. Além disso, os fundos públicos tanto poderiam ser usados no incremento da rede oficial de es-

colas quanto no fornecimento aos privatistas.

Ora, esta infiltração de interesses particulares nos destinos da educação no Brasil altera basicamente as finalidades do projeto, com objetivos lucrativos e classistas. Ao invés de traçar as diretrizes pedagógicas e assegurar as bases econômicas para a expansão da escola pública, única democrática e capaz de atender as necessidades do povo, pretende-se o projeto à legislação de que deve ser público ou privado, terminando por atinar completa igualdade de direitos.

ASPECTOS INCONSTITUCIONAIS

Atrevesse que a análise crítica de alguns artigos mostra claramente duas irregularidades, o projeto fere a Constituição de 1946, de inspiração progressista e, além disso, encerra várias inconstitucionalidades.

O artigo 166 da Constituição Federal diz: «A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola...» e o artigo 167 reza que «o ensino nos diferentes níveis será ministrado pelos poderes públicos e é livre a iniciativa particular...» Portanto, a orientação estabelecida pela Constituição reserva ao Estado, com absoluta clareza, o dever de fornecer ensino nos diversos ramos, deixando a iniciativa privada a liberdade de explorá-lo.

Porém, no substitutivo atual no item II do artigo 3º, são propositivamente listadas as atribuições estatais, pois que pretende-se que o ensino à educação seja assegurada «pela obrigação do Estado em fornecer recursos indispensáveis para que a família e na falta desta, os demais membros da sociedade se desabriguem dos encargos de educação...» Perguntamos, em primeiro lugar, quem serão estes «demais membros da sociedade»? Não seriam os donos de colégios particulares? Vemos bem a inversão. O Estado em vez de fornecer educação distribuída aos alunos. Para quem seriam estes recursos? Este artigo contraria a linha da Constituição e inconstitucional.

Não param ali, entretanto, as tentativas de subversão das diretrizes constitucionais. O artigo 10 por sua vez, fere frontalmente a autonomia dos Estados estabelecendo normas que deverão reger os Conselhos Estaduais de Educação, transferindo assim das atribuições conferidas a um Projeto de Diretrizes e Bases da Educação, a garantia constitucional da autonomia dos Estados na elaboração de seus próprios sistemas de ensino e dada pelo artigo III da Constituição. «O Estado e o Distrito Federal organizarão os seus sistemas de ensino...» Não entendem assim os donos das empresas de educação. Para eles o projeto deve estabelecer, fazendo caso omisso da autonomia dos Estados, como ação constituinte os Conselhos Estaduais, legislação ainda sobre sua composição e critério de escolha de membros. Este artigo 2, também, inconstitucional.

IMORALIDADES

Porém a inconstitucionalidade do artigo 16º é bastante modesta comparada com a imoralidade estampada no artigo 5º. Segundo este artigo «Fica assegurado aos estabelecimentos de ensino público e particulares...» adquire representação nos Conselhos Estaduais de Educação e, bem assim, o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos pelos realizados».

Este artigo apresenta duas faces, ambas imorais, que devem ser examinadas em separado. Por um lado, refere-se à representação adequada junto aos Conselhos de Educação, o que é logo desmentido pelo parágrafo 3º do artigo 10, em que se lê: «Na escolha dos representantes será observado o critério da proporcionalidade entre os estabelecimentos públicos e privados...» Sobre-se perfeitamente que o número de estabelecimentos particulares no ensino médio e extremamente superior ao de colégios públicos e portanto, o critério de proporcionalidade dada aos Conselhos compromete sempre favorável aos particulares privados. Adequada representação significa, con-

Em segundo lugar, deveria a PDF garantir a constituição de estoques das principais gêneros, comprados diretamente do produtor, para evitar a especulação. Ao mesmo tempo, para ampliar temporariamente a rede de mercados da PDF, os agricultores e cooperativas do Distrito Federal e Estados vizinhos deviam ser incentivados a instalar conjuntamente com a secretaria de agricultura caminhões-letra e barracas nos bairros mais populosos. Essas medidas embora parciais, já constituíram uma defesa da população à espoliação de uma política colossais para o abastecimento carioca.

que imediatamente pressionaram o governo e conseguiram que este tompe dease a única solução real para o problema.

Em segundo lugar, deveria a PDF garantir a constituição de estoques das principais gêneros, comprados diretamente do produtor, para evitar a especulação. Ao mesmo tempo, para ampliar temporariamente a rede de mercados da PDF, os agricultores e cooperativas do Distrito Federal e Estados vizinhos deviam ser incentivados a instalar conjuntamente com a secretaria de agricultura caminhões-letra e barracas nos bairros mais populosos. Essas medidas embora parciais, já constituíram uma defesa da população à espoliação de uma política colossais para o abastecimento carioca.

Entretanto, a substituição do Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional por esta redação, não poderia ser encaminhado ao plenário da Câmara Federal em vista de sua flagrante inconstitucionalidade, devido ao que prescreve pelo Conselho de Justiça e Constituição. Não ocorrendo esta hipótese, deveriam ser suprimidos os artigos 2º, 10, 11 e o artigo 3º, parágrafo 3º do artigo 10, os artigos 10 e 16 e a letra a do artigo 9º.

Um velho Partido com jovens dirigentes

Lutando Pela Unidade Nacional, Comunistas Indonésios Levaram o Partido Ao Povo

(de GIUSEPPE BOFFA, exclusivo para NR)

Na festa por cento de filiação ao Partido... são filiados ao Partido ou seus simpatizantes... disse-me o companheiro indonésio sentado ao meu lado, na plateia, referindo-se aos atores e às bailarinas que nos deliciavam com um espetáculo no teatro de uma grande cidade no centro de Java: umas das poucas companhias estabelecidas em um país em que a vida teatral e ainda muito pobre, garantida pelo entusiasmo de poucos cultores que com apenas a atividade artística não podem, certamente, prover à sua subsistência.

A ópera clássica javanesa — era o espetáculo a que assistíamos — é mais estática e convencional do que a chinesa: além do costume fantástico, possui grande poder evocativo, as máscaras tradicionais e certas poses plásticas, igualmente canonizadas pela tradição, alternando-se breves motivos de pantomima e belíssimas danças com longos diálogos e monólogos pronunciados em absoluta imobilidade.

No entanto, os autores nela intercalavam — e era esse, sem dúvida alguma, o motivo de apaixonada participação do público — alusões à vida de hoje e à luta política, retratada com acerto em uma nossa revista de nível mais elevado.

A própria observação feita pelo companheiro ao meu lado, foi sugerida pela milícia surpresa, ao ouvir, pronunciadas por um monarca mitológico, as palavras "golong rojong" (as palavras mais repetidas no congresso comunista e que definem o governo de coalizão unitária do qual os próprios comunistas também participam).

UM PARTIDO VELHO JOVEM, AO MESMO TEMPO

O Partido Comunista Indonésio e, atualmente, fora do mundo socialista, um dos mais fortes. Conta com um milhão e meio de membros e candidatos. Sua base maior é Java, ilha onde vivem 60% de toda a população indonésia: desenvolve-se também, no entanto, nas outras ilhas, onde há anos não existia. Durante as últimas eleições regionais recolheu 8.200.000 votos, registrando um aumento espetacular de dois milhões em relação às eleições anteriores. Essas cifras são, por sua grandeza, bastante sugestivas. Outra coisa, porém, e vê-las viver entre o povo: percorrer uma série de cidades e ficar sabendo que o Partido pode contar com a maioria absoluta do eleitorado; em outras localidades, onde a maioria é somente relativa, os companheiros contam como se tra-

balha para conquistar para suas próprias posições mais de 50 por cento do povo. (Responde-se, assim, à pergunta: Por que as eleições gerais que deveriam realizar-se neste ano, foram transferidas praticamente sine die?).

Percorrendo o país, sempre deparamos com a presença ativa do Partido. A primeira parada, depois de uma viagem de trem através de campos de arroz e aldeias escondidas por matos de vegetação densa, foi Semarang, a terceira cidade de Java: fomos recebidos pelo prefeito comunista. Sobre colinas, de onde podíamos observar toda a região, ele me indicava as obras de sua administração, alternando os esclarecimentos com as recordações do dia em que, muito jovem ainda, ouviu, como delegado ao VII Congresso da Internacional, o informe de Togliatti. E não só em Semarang, mas também em Surakarta e Surabaya, outras industriais e segunda cidade da Indonésia, e em muitas outras localidades menores, os prefeitos são comunistas.

Diversos grupos da população se reúnem em torno do Partido, solidários com sua orientação. Visitamos uma pequena fábrica de batik, o belo tecido de algodão estampado com fantasiosos motivos de flores de cor morena, que todas as mulheres indonésias usam, colorido à mão por processo artesão complicado e bastante antigo: os operários são quase todos comunistas, e o proprietário o simpático, estando o estabelecimento nos fundos de sua residência. O mesmo acontece em Djakarta, na pequena oficina de filigrana de prata, outro produto artesão bastante procurado no país. O amigo, que me acolhia com grande gentileza e calor, e o médico que dirige, na mesma cidade, após tê-lo criado, em grande parte com seus próprios esforços, o centro de reabilitação para os inválidos e retardados, orgulho do país e ponto obrigatório para todos os visitantes oficiais. Análogo à de Klatten, e a posição do diretor de um centro de seleção agrícola, organizado com critério militarizado por alguns entusiastas e, hoje, sob patrocínio do Estado.

Em Jacarta, finalmente, na exposição de pintura organizada pelo Congresso do Partido, estavam representadas todas as escolas e várias tendências políticas.

Como conseguiu o Partido conquistar tanto prestígio?

Credo que devemos refletir sobre sua história, assim como os próprios companheiros indonésios fizeram, várias vezes durante os últimos anos. É um partido velho e jovem,

ao mesmo tempo: dentro de alguns meses comemorará 40 anos, mas como Partido de massa seu nascimento é bem recente, porque há sete anos ainda contava em suas fileiras menos de oito mil inscritos.

UMA LONGA LUTA IDEOLÓGICA

A história do Partido Comunista da Indonésia é heróica e trágica, crônica complexa de luta política, mas também de procura, de avanços e recuos, e às vezes de erros.

Em uma vila da ponta oriental de Java encontramos um grupo de veteranos da revolta camponesa de 1926 (2), rebelião anticolonial espontânea e desordenada, da qual o Partido assumiu a direção sem possuir, no entanto, ideias claras de estratégia revolucionária, porque ainda continham de extremismo, a doença infantil de esquerdismo no comunismo.

O levante foi esmagado pelos holandeses. Para os comunistas começa, então, um longo período de feroz ilegalidade. O nome do Partido e sua ação tornaram-se, porém, familiares aos patriotas indonésios: dando vida ao Partido Nacionalista, o próprio Sukarno declara, em 1928, deusar prosseguir a luta iniciada pelos comunistas.

Quando, em 1945, foi proclamada a República Independente da Indonésia, os comunistas e, sobretudo, certos grupos de jovens, que deles haviam abraçado as ideias durante a resistência antijaponesa, desempenharam importante papel na Revolução e em seus primeiros êxitos. Havia no Partido, no entanto, pelo menos três grupos. Era pouca a clareza quanto à natureza da luta que se travava, o tipo de alianças que se devia fazer e os meios de construir um grande partido.

Fez-se, em 1948, uma tentativa de encontrar um "terceiro caminho", sob a direção do companheiro Mussu recentemente chegado do estrangeiro.

Tocava, a virada não pôde ser dada porque, valendo-se da debilidade relativa do Partido, o governo reacionário de Hatta conseguiu, em 1948, encerrar uma grosseira provocação, conhecida como "a questão de Madium": nomeou-se com o rapto e a prisão de alguns militares e oficiais revolucionários, depois se inventou a história de um "governo soviético" que teria se instalado em Madium. Crise-se, assim, em todo o centro de Java, uma grande tensão e, quando os comunistas responderam aos ataques, foi desencadeada uma verdadeira onda de "terror branco" com prisões em massa e fuzilamento sumários, nos quais participaram a vida o próprio companheiro Mussu e numerosos outros dirigentes.

O renascimento do Partido se processa a partir de 1951, quando um novo Estatuto foi dado ao movimento e se elegem outra direção. Conseguem resistir a uma nova ofensiva do governo, derribado poucos meses depois. No entanto, os anos que se seguiram — entre 1951 e 1954 — ainda foram de esclarecimento interno, de luta ideológica e política, com a finalidade de esclarecer quais deveriam ter sido os limites da ação passada e quais as tarefas novas.

Foi criticada e combatida a orientação que possuía como expoente um dos dirigentes de então, Tan Ling-se, ainda no Partido, mas sem função dirigente: linha que continha, ao mesmo tempo, defeitos de sectarismo e de oportunismo, porque baseada em análises arbitrárias e subjetivas e em imitação dogmática de experiências alheias, sem um conhecimento real da sociedade indonésia e de sua revolução.

UMA DIREÇÃO DE JOVENS COMPANHEIROS

Seguiu, no processo de...



Grandes manifestações nas principais cidades da Indonésia caracterizam a disposição do povo daquele país de romper as últimas cadeias da dominação imperialista e em prol de uma política internacional baseada na paz e no direito de autodeterminação dos povos. Os comunistas, com um grande partido de massas, estão à frente de todos os movimentos populares que visam a libertação completa da Indonésia.

luta, um novo núcleo dirigente, de idade muito jovem. Os três companheiros em que o Partido atribui a maior responsabilidade — Aidit, Lukman e Noto — possuem, respectivamente, 36, 38 e 33 anos. Esse ascenso de quadros jovens expressa a afirmação de uma linha política nova e mais madura. Esta parte de uma análise da sociedade indonésia em que sempre se apontava como linha principal o imperialismo holandês, que ainda dominava economicamente a Indonésia e dela ocupava vasta porção de território — o Ifran Ocidental ou Nova Guiné —, e em que se assi-

nalava o avanço de um inimigo novo e mais insidioso, o imperialismo americano. A sociedade indonésia continuava sendo semicolonial e semifeudal, decorrendo daí o caráter das alianças que o proletariado teria que estabelecer. Caba a este, em primeiro lugar, formar um bloco com os camponeses, que representavam 70% da população; mas essa união devia ser, por sua vez, a pilastra de uma grande frente nacional, capaz de incluir também a pequena burguesia nacional, apesar do caráter vacilante dessa classe. Isso significava, politicamente, estabelecer, em primeiro

lugar, com o Partido Nacionalista e com tudo o que de positivo existe nos dois partidos miquelanos e, principalmente, o Haldatul Ulama, sem contar com o Partido Socialista, que na Indonésia não possui base de massa e ocupa posições de extrema reação. Só um Partido Comunista de massas poderia ser a alma desse grande movimento.

Quando me dirigia, de avião, para Jacarta, li um artigo em que um publicista americano afirmava haverem os comunistas indonésios aprendido muito com os camaradas chineses. E' certo que estudaram seriamente

A Frente Nacional Do Paraguai Apóia a Luta Armada

O Comitê Central dirigente da Frente Unica de Libertação Nacional do Paraguai divulgou uma proclamação ao povo, conclamando-o a apoiar firmemente e a ajudar, por todos os meios, os contingentes de patriotas empenhados na luta armada para a libertação nacional.

A proclamação assinala que, graças à ação de alguns grupos de patriotas, a luta heróica do povo paraguaio contra o governo despótico de Stroessner inicia agora a fase de levante armado: «Esses contingentes de patriotas vêm engrossar as fileiras da sublevação armada, iniciada pelos camponeses em algumas partes do país».

O documento afirma que «o povo paraguaio nunca deixará de lutar até que o regime ditatorial vigente e sua máquina de opressão sejam completamente destruídos. Não se trata apenas de uma luta para mudanças de pessoas, mas de uma batalha pela liberdade».

A declaração continua, afirmando que «a Frente Unica apela para todos os paraguaios, quaisquer que sejam seus partidos polí-

cos, concepções religiosas e ideologia, a se unirem firmemente na luta contra o despotismo, a estabelecer comitês e intercomitês que organizam e mobilizam o povo, e que tenham por

finalidade estabelecer um governo democrático provisório que represente todas as correntes do país».

A Frente Unica de Libertação Nacional do Paraguai foi estabelecida no

Uruguai, em fevereiro deste ano. Engloba o Partido Liberal, o Partido Febrerista, o Partido Comunista, democratas do Partido Republicano Nacional e católicos.

PELA LIBERTAÇÃO DE FARJALLAH HELOU

O Comitê Nacional Libanês pela Libertação de Farjallah Helou, secretário da Comitê Central do Partido Comunista do Líbano, está organizando um comitê internacional que, com o lema Liberdade para Farjallah Helou, irá lutar pela Libertação do embargado líder árabe preso ilegalmente por ordem do governo da República Árabe Unida há mais de seis meses. Até o momento o comitê libanês vem desenvolvendo intensa atividade, prestigiada por grande número de personalidades libanesas e do mundo inteiro e por organizações sociais árabes, pressionando o governo da RAU.

Apesar da indignação popular contra o ato, as autoridades policiais da RAU continuam afirmando que não existe nenhum preso político naquele país com nome de Farjallah Helou. Isto acontece porque a polícia, para melhor cobrir sua arbitrariedade, registrou He-

lou com o nome suposto de Assaf Mansour, esperando assim conseguir mantê-lo indefinidamente incommunicável, sem qualquer contato com seus familiares, sem mesmo a possibilidade de entrevistar-se com um advogado. Ao mesmo tempo, Helou é submetido a toda a sorte de torturas e humilhações.

Visando ampliar ainda mais a campanha em prol da Libertação de Helou, o comitê nacional libanês elaborou um apelo endereçado a todos os países do mundo, para que o comitê internacional seja criado a partir de 5 de janeiro. O apelo é assinado por Cheik Abdullh Alaily, ulema, filólogo, M. Maroun Abboud, escritor, dr. Georges Hanna, médico, intelectual, presidente da Associação Libano-U.R.S.S., dr. Samih Alameddine, cirurgião, M. Antine Tabet, arquiteto, diretor da revista "Al-Farikh", membro da Presidência do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, M. Raif

Khoury, intelectual, professor de literatura árabe, M. Houssein Mroue, jornalista, M. Nassib Azar, intelectual, Mestre Edmund Aoun, advogado, secretário da Associação dos Juristas Democráticos do Líbano.



Farjallah Helou, secretário do P.C. do Líbano, prisioneiro na RAU



N. Aidit, 36 anos de idade, é o primeiro secretário do P.C. da Indonésia, um velho Partido dirigido por jovens.

Observações sôbre a Situação Venezuelana

Passel uma semana na Venezuela, dos meados para fins de outubro do corrente ano. O ambiente político estava agitado em virtude da insubordinação de um pequeno grupo de oficiais do Exército, que se negavam a cumprir uma ordem de transferência determinada pelas autoridades superiores. Este fato estava também ligado a uma série de atentados terroristas e a pronúncias de Peraz Jimenez e de seus amigos, que formulavam exigências anticomunistas. Não era difícil compreender as verdadeiras razões da efervescência reinante, nem da audácia dos golpistas e entreguistas, de dentro e de fora do governo.

O conflito entre as forças nacionalistas, democráticas e populares, de um lado, e as forças entreguistas e reacionárias, de outro, ainda não foi resolvido definitivamente na Venezuela. O movimento insurrecional de 23 de janeiro de 1958, que derrubou o governo sanguinário e vende-pátria de Peraz Jimenez, representou um tremendo golpe para o imperialismo americano e seus agentes na república irmã. Esse acontecimento, que coroou vitoriosamente as grandes jornadas combativas dos operários, dos estudantes, das massas populares das principais cidades, bem como dos elementos patriotas da Marinha, da Aeronáutica e do Exército, marcou uma nova fase na vida do povo venezuelano e como que assinalou um novo auge, neste período histórico, das lutas dos povos latino-americanos pela democracia, o progresso e a independência nacional.

Não obstante o ímpeto revolucionário das massas e seus anseios de profundas mudanças na vida econômica e política do país, a unidade de ação das principais correntes democráticas e populares integradas na Junta Patriótica, que colocou à frente do governo provisório o almirante Larrazabal, o processo iniciado a 23 de janeiro não trouxe ainda as transformações reclamadas pela imensa maioria do povo. Os entreguistas e reacionários mantiveram posições importantes e tudo vêm fazendo para impedir o desenvolvimento progressista e democrático e a consolidação da unidade patriótica. O governo de Rômulo Bitencourt, da Ação Democrática, eleito em fins de 1958, tem se caracterizado pelo seu «imobilismo». Isto é, realiza uma política vacilante, de conciliação, de esperar para ver. Embora contando em seu seio com representantes de outros partidos e elementos independentes do governo, predominam os elementos contemporâneos da grande burguesia. Daí o adiamento das medidas que as condições objetivas indicam estarem amadurecidas. Por isso, o governo divorcia-se cada vez mais das massas populares. Rômulo Bitencourt recusa-se, ao mesmo tempo, a qualquer entendimento e cooperação com o Partido Comunista, que é uma das forças mais pres-

tigiosas do país, tendo mais de 25 mil membros (sem contar a Juventude Comunista com 20 mil), 7 deputados e dois senadores no Congresso Nacional, além de deputados estaduais e vereadores em vários Estados e Municípios. O Partido Comunista da Venezuela é conhecido popularmente como «Cantáclaro», pela oportunidade e clareza de suas denúncias políticas e o sentido patriótico e unitário de suas ações, e foi um dos principais combatentes contra a ditadura de Peraz Jimenez.

Os problemas da dependência econômica, do atraso da indústria e da agricultura, da miséria e da ignorância das massas não podem, porém, ficar na interminável expectativa de fórmulas de compromisso com os exploradores e opressores do povo e do país. A Venezuela tem sido apresentada pela propaganda imperialista como modelo dos benefícios advindos das inversões maciças do capital estrangeiro. Tudo quanto é laço de gente de mentalidade servil, tanto aqui como em diversos lugares, recorre ao exemplo venezuelano para demonstrar as vantagens da «ajuda» imperialista aos povos subdesenvolvidos. Na verdade, é exatamente o contrário que se dá. Jamais nos pareceu tão clamoroso e ultrajante o roubo dos recursos de um povo ativo e inteligente, como o praticado pelo im-

perialismo em relação ao povo venezuelano. As imensas riquezas petrolíferas, de ferro e outras que o país possui, bem como o trabalho tenaz do povo venezuelano só têm servido para encher de lucros fabulosos os trustes imperialistas e seus agentes nacionais e para empobrecer e martirizar a nação e o povo. Com a exploração do petróleo pelas companhias norte-americanas e anglo-holandesas, a Venezuela, ao invés de tornar-se independente, ficou ainda mais escravizada e sua economia deformada. Em 1957, quase 95% das exportações do país eram de

PEDRO POMAR

petróleo. Possuindo excelentes condições para a produção agropecuária, a nação chegou ao absurdo de consumir ovos, galinhas, côcos, etc., vindos do estrangeiro, principalmente dos Estados Unidos. Entretanto, segundo dados da Cepal, na América Latina, a Venezuela é a maior exportadora de lucros para os cofres dos trustes americanos. De 1950 a 1957 foram remetidos para os Estados Unidos, perto de quatro e meio bilhões de dólares.

Também a renda nacional «per capita», que aparece como a maior do Hemisfério ao sul do Rio Grande — 700 dólares — não dá a idéia real da situação das massas. A metade da população não consegue ganhar, sequer, 300 dólares, em média, por ano. Os ingressos efetivos da imensa maioria da população trabalhadora são extremamente reduzidos e o custo de vida é um dos mais elevados do continente. Os operários da indústria petrolífera tiveram seus salários reduzidos, em termos absolutos, entre 1946 e 1957, em mais de 50%.



O Partido Comunista, uma das mais prestigiosas forças do país, com mais de duas dezenas de milhares de militantes, 7 deputados e 2 senadores, caracteriza-se pelo sentido unitário que imprime à sua política, diferente da posta em prática pelo presidente Betancourt. As atitudes do chefe do governo venezuelano são totalmente opostas à da Junta Governamental que assumiu a direção do país após a queda do ditador Jimenez, quando se organizou um governo unitário que contou com a colaboração dos comunistas. Na foto, os dirigentes do P.C.V. conferenciando com o Cta.-Alm. Larrazabal.

petróleo cuja produção representa 40% do total nacional. As companhias norte-americanas (Creole e Socony, filiais da Standard Oil) exploram mais de 70% do ouro negro. A fisionomia econômica do país não é industrial, embora a maioria da população viva nas cidades e o petróleo seja o produto básico. O desenvolvimento da indústria é bastante lento e dificultado pelas trustes imperialistas e pela propriedade monopolista da terra. A importação de alimentos atinge anualmente a cerca de 150 milhões de

quando a produtividade aumentou nesse período de 5 vezes. Ainda mais: atualmente o número de trabalhadores petrolíferos é de 40 mil quando em 1948 era de 61.000, embora a produção tenha se multiplicado por 13, resultado da desenfreada exploração a que são submetidos e não de maior emprego dos métodos aperfeiçoados na indústria. Veja-se, por exemplo, que nos Est. Unidos, onde a produção de petróleo é o triplo da conseguida na Venezuela, existem nessa indústria mais de 560 mil trabalha-

dores, isto é, 15 vezes mais. Outra questão candente é a agrária-componosa. Num país de quase 1 milhão de km² de área e uma população próxima aos 7 milhões de habitantes, 6 mil proprietários ocupam mais de 20 milhões de hectares de terras férteis e bem localizadas ao passo que 300 mil famílias são praticamente desprovidas de condições de existência, tal a diminuta quantidade de terras que possuem. A produção agropecuária é

Teoria e prática

EMPRÉSTIMOS E F.M.I.

Resposta ao leitor Cláudio Alencar (Distrito Federal)

Pergunta o leitor Cláudio Alencar em que consistem, concretamente, as exigências feitas pelo Fundo Monetário Internacional para a concessão de empréstimos pelos bancos norte-americanos ao Brasil — concessões que as forças nacionalistas denunciam como prejudiciais aos interesses e à independência de nosso país.

As exigências feitas pelo FMI ao governo brasileiro podem ser condensadas em três pontos principais:

1º) Reforma cambial, de maneira a suprimir o sistema de taxas múltiplas e os controles seletivos pelo Estado, unificando, sem discriminação, todas as operações de câmbio no mercado de taxas livres (apesar dos aspectos negativos que teve, a reforma cambial de 1953 conservou o controle estatal sobre mais de 80% das disponibilidades cambiais). Em consequência, eliminação da concessão de divisas a câmbio mais baixo em cruzeiros — o chamado «câmbio de custo» — para a importação de bens essenciais, como petróleo e derivados, trigo, equipamentos para a indústria básica, tratores e fertilizantes, etc. Ficaria abolido, com essa medida, o «subsídio cambial» para a importação tanto de artigos de influência direta sobre o nível de vida das massas (alimentos e combustíveis) como do equipamento e das matérias-primas destinadas à indústria nacional, em especial às empresas estatais (Petrobrás, Companhia Siderúrgica Nacional, Fábrica Nacional de Motores, Companhia Nacional de Alcais, diversas hidrelétricas do governo federal e de governos estaduais, etc.).

2º) desvalorização do cruzeiro, implícita na reforma cambial, com o objetivo de fortalecer o setor de exportação (trata-se aqui, evidentemente, dos latifundiários e grandes comerciantes). A desvalorização do cruzeiro deveria permitir a elevação dos preços em cruzeiro dos produtos destinados ao comércio exterior e, simultaneamente, a baixa de seus preços em dólares, tornando-os «competitivos» no mercado internacional (ou seja, mais baratos para os compradores estrangeiros). Em consequência, ao invés de ficarem à disposição do governo, as divisas passariam a ser totalmente negociadas no mercado livre pelas próprias firmas exportadoras, entre as quais as mais poderosas são norte-americanas (Anderson Clayton, American Coffee e muitas outras). A lei da oferta e da procura, segundo a encarequida ciência econômica do prof. Eugênio Guillin, se encarregaria de pôr as coisas em ordem, a favor, naturalmente, daquelas firmas e, em geral, das grandes empresas estrangeiras...

3º) aplicação da receita «made in USA» do chamado plano de estabilização para curar os males inflacionários. A receita, já conhecida de outros países latino-americanos, consiste no aumento dos impostos e redução drástica dos investimentos públicos (a pretexto de eliminar o déficit orçamentário e evitar novas emissões de papel-moeda), no congelamento dos salários dos trabalhadores e do funcionalismo público e na rigorosa contenção do crédito. Embora sob o rótulo «moderno» de estabilização, não se trata de outra coisa que da velha prática deflacionária de tipo capitalista, com o seu cortejo de desemprego em massa e de falência das empresas mais fracas, entre as quais, está claro, não figuram as filiais dos monopólios imperialistas, ardentes paladinos da «livre empresa»...

Resalta, neste esquema, a orientação essencialmente antioperária e antipopular, o objetivo de reduzir ainda mais o nível de vida das massas e fortalecer as posições do capital monopolista norte-americano e deter o processo de industrialização do país. É um esquema nitidamente colonialista, contra o qual se ergue a consciência patriótica do povo brasileiro.

infinia e as relações econômicas no campo conservam ainda fortes vestígios feudais. É natural, por isso, que um dos problemas mais agudos na república vizinha seja o da reforma agrária, a ser efetuada não pelo método doloroso num prazo de 25 anos, como querem as forças reacionárias, e sim por uma via rápida que efetivamente destrua os latifúndios feudais e entregue gratuitamente a terra aos camponeses. Estas assim,

(Conclui na 6.ª Página)

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(XLV)

CONTRA A «ALA DIREITA» SOCIAL-DEMOCRÁTICA ALEMA

A luta sem tréguas que Marx e Engels — e depois este último — orientaram contra o oportunismo na social-democracia alemã pôde tomar corpo e impor-se porque se apoiou firmemente na tática acertada, de massas, revolucionária, da combinação da atividade ilegal com a atividade legal na vida do Partido Socialista Operário, durante a vigência da «lei contra os socialistas». Assim foi derrotado, de início, o desvio anarquista, «ultra-esquerdista», encabeçado por Most e alguns outros dirigentes que, ante a «lei da exceção», tentaram arrastar o Partido para o caminho da aventura, para as conspirações e motins de pequenos grupos desligados das massas.

À «lei de exceção», essa corrente, uma vez derrotada nesta tentativa frontal de destruir o Partido como organização, procurou depois todo o tempo liquidá-lo ideologicamente e politicamente, tudo fazendo para rebaixá-lo à condição de mero propagandista de reformas. Seus esforços mais destacados foram Hoebergh, Bernstein e Schramm, autores dum dos mais cínicos documentos oportunistas de direita que a história do socialismo conheça, por eles intitulada «O movimento socialista na Alemanha em retrospecto». Marx e Engels, assim que tomaram conhecimento dessa peça, apressaram-se em desmascará-la e a seu lado chamados «Carta Circular» que dirigiram, em setembro de 1879, a Bebel, Liebknecht, Bracke e outros dirigentes do movimento socialista alemão.

«Na opinião destes senhores — diz a «Circular» referindo-se aos pais do «Retrospecto» — o Partido Social Democrático devia ser não um partido operário unitário, mas um partido multilateral de «clases os homens imbuídos de verdadeira amor pela humanidade». Deve provar isso, antes de tudo, deixando de lado as grossas paixões proletárias e pondo-se sob a orientação de burgueses filantropos, cidadãos, de modo a cultivar a boa política e «aprender os bons modos». «O socialismo alemão — continua — tem dada demonstrada importância a vitória das massas e agindo assim negligenciou uma energia (!) propagandista no seio das chamadas camadas superiores da sociedade».

Em consequência do ataque mortal desferido por Marx e Engels com sua «Circular», a «Comissão de Zurich» (grupo dos três direitistas) foi desbaratada. Hoebergh afastou-se e Bernstein, — como mais tarde afirma Lênin, — tornou-se um social-democrata revolucionário, pelo menos até a morte de Engels, em 1895.

A luta contra a «ala direita» do Partido não era nada fácil de levar. Liebknecht e Bebel, os dois quadros de maior expressão em que Marx e Engels se apoiavam, estavam longe de ter clareza e firmeza no combate. Referindo-se a Bebel, diz Engels em uma de suas cartas a Sorge: «Não podos imaginar até que ponto os alemães são ingênuos! Quanto a Liebknecht, apesar de ter aberto os olhos, afinal, em 1889, continuava, mesmo depois disso, a manter posições conciliadoras quanto aos oportunistas de direita».

Engels, entretanto, apesar de todos os percalços, não perdeu a cabeça. Para aquela ocasião, Engels, ao lado dum intensíssima atividade política, deu prova, como nunca, de sua inícrivel capacidade de trabalho no terreno teórico. A morte lhe arrebatara o grande e querido amigo de tantos combates e agora, passados sessenta anos, continuava sozinho, com vigor redobrado, a mesma cíclica luta revolucionária que fora sempre de ambos, como se o sentimento da responsabilidade acrescida o tivesse desenvolvido, de choque, nos tempos já distantes da juventude. Em 1889 escreveu as últimas páginas da sua «Dialética da Natureza» (publicada pela primeira vez, em 1925, na URSS). Em 1844, edita «A origem da família, da propriedade privada e do Estado». Termina, na mesma ocasião, o segundo livro de «O Capital», que como o terceiro, — Marx deixara inacabado, e publicou em 1885. Em 1888 entrega nos tipos o seu famoso «Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã».

Do fato, a essência das coisas era essa, mas as fatos iam desenvolvendo de maneira mais lenta e mais complicada. Com a volta do partido à legalidade, em 1890, as tendências oportunistas vão novamente à tona, mais desta vez, como veremos, não apenas resistem; desenvolvem-se e espalham no partido, deitam fundas raízes nele.

Retire-Se o Governo Do Sindicato Dos Nauticos

Repelindo enérgicamente os termos da nota do Governo sobre os últimos movimentos grevistas, na qual são chamados de agitadores e agentes subversivos, e ameaçados com a aplicação do Decreto 9070, caso decidam deflagrar nova greve, em sua assembleia do próximo dia 5, os ferroviários da Leopoldina, através de seu Sindicato, enviaram ao presidente da República a seguinte nota:

"O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro, representando os interesses dos ferroviários lotados na Rede Regional Estrada de Ferro Leopoldina, solicita a V. Exa. a devida vênia para recusar em aceitar os termos atribuídos por V. Exa., publicamente, a tão laboriosa e patriótica classe.

Inicialmente, deseja este órgão de classe relembrar a V. Exa. as reiteradas manifestações de solidariedade que a classe ferroviária em numerosas oportunidades tem devotado a V. Exa., seja por ocasião da eleição e posse de V. Exa. seja por ocasião das últimas agitações, estas, sim, subversivas, de caráter golpista politicamente reacionárias, que de forma nenhuma

podem dizer respeito aos interesses dos trabalhadores nacionais.

Isto posto, o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro, advogando os interesses de sua classe, está moral e politicamente em condição para repelir como agora o faz aos injustos qualificativos atribuídos aos seus associados por V. Exa. uma vez que os ferroviários não são agitadores nem subversivos.

Preliminarmente, têm os ferroviários da E. F. Leopoldina por V. Exa. o mais alto apreço de estima e admiração. No entanto, desejam, também publicamente, lembrar a V. Exa. que carece ao Poder Executivo, data vênia, poderes para aprioristicamente julgar da justiça de determinadas ações, função essa que é própria do Poder Judiciário, após ouvidas as partes, cabendo ainda a esta recorrer das decisões daquela, dentro do que dispõe a processualística do Direito pátrio.

O QUE É ILEGAL

Salva V. Exa. que, por Resolução da Rede Ferroviária Federal S. A. datada de 1958, a cúpula administrativa da E. F. Leopoldina teve os seus

vencimentos majorados, retroagindo, ainda, a vigência do benefício ao ano de 1957. E aos demais trabalhadores componentes do mesmo Quadro do Pessoal não foi até aqui estendido o reajustamento iniciado, dando assim a funcionários de uma mesma Empresa tratamento diverso, gerando um privilégio odioso, injusto e administrativamente desconhecível.

Salva V. Exa. que, por autorização expressa de V. Exa., vem sendo admitidos nos serviços da E. F. Leopoldina, com vencimentos superiores aos atribuídos ao inicial da carreira, uma série de funcionários completamente alheios aos serviços ferroviários, enquanto se proíbe em nome de V. Exa. a admissão de PRACTICANTES e de APRENDIZES diplomados pelo SENAI, candidatos perfeitamente identificados com os serviços ferroviários, capazes de serem úteis a um racional desenvolvimento técnico da E. F. Leopoldina.

Salva V. Exa. que, por autorização expressa de V. Exa., vêm sendo efetuadas numerosas promoções na E. F. Leopoldina sem que as mesmas obedeam a qualquer critério legal, não se considerando o mérito nem a antiguidade funcional, enquanto as promoções regulamentares do pessoal de menor índice salarial, relativas aos períodos de abril e agosto de 1959, ainda não se efetivaram.

Salva V. Exa. que o Tribunal Superior do Trabalho decidiu em favor dos Ferroviários o dissídio coletivo imposto pelo Sindicato da classe, objetivando garantir o adicional sobre o trabalho noturno e a não interrupção da jornada diária de trabalho, decisão que não foi cumprida pela administração da E. F. Leopoldina.

Salva V. Exa. que, em agosto de 1958, foi assinado pelo Sindicato dos Ferroviários e a Direção da Rede Ferroviária Federal S. A., com a assistência do Ministério do Trabalho, um acordo segundo o qual seria levada a efeito, dentro do menor prazo, uma reestruturação no Quadro do Pessoal da E. F. Leopoldina, acordo que não foi cumprido por parte da Rede Ferroviária Federal S. A.

CONCLUINDO

Salva V. Exa., enfim, que a Constituição Federal — da qual V. Exa. foi um dos autores como constituinte de 1946 — garante o pleno direito de greve, de cujo exercício os ferroviários da E. F. Leopoldina vêm de fazer uso de forma pacífica e ordeira, reivindicando afastar as anomalias atuais que uma política administrativa superada e retrograda vem imprimindo na E. F. Leopoldina, subvertendo méritos funcionais e atrofiando valores morais, e concorrendo assim para a sempre crescente elevação do balanço deficitário da Empresa, gerando o descrédito público, mal qualificativo para o conceito da política estatal de recuperação das ferrovias nacionais e que não interessa de modo algum aos trabalhadores ferroviários na atual e histórica fase do desenvolvimento econômico do Brasil.

Atenciosamente,
(A) Demétrio de Bapista, Presidente do Sindicato.



As catástrofes acontecem e as autoridades não tomam providências. O doloroso desastre com o Viscount veio mostrar mais uma vez que existe de parte do DAC uma absoluta indiferença frente aos problemas do tráfego aéreo.

SÃO PAULO

Anuladas eleições na Federação dos Metalúrgicos

O Ministro do Trabalho anulou as eleições da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, realizadas no dia 5 do mês passado. Uma junta governativa foi eleita para dirigir aquela entidade até que, dentro do prazo de 60 dias, seja realizado o novo pleito.

A decisão do Ministro do Trabalho foi baseada no recurso interposto pelos representantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, que denunciaram as seguintes irregularidades:

- a) A eleição foi marcada para o dia 3 e se realizou no dia 5;
- b) Um dos votantes, eleitor do Sindicato dos Metalúrgicos de Catanduva, sr. Erminio Andovani, não mais fazia parte da categoria profissional, conforme as provas apresentadas;
- c) Três outros sindicatos estavam impedidos de votar devido a irregularidade do pagamento à Federação, conforme estipula a portaria número 146. Até a hora do pleito o ex-advogado sindical e deputado José Moscato manteve eleitores em sua residência, cabalando votos.

Diante dos argumentos do recurso e da parecer do D.N.T., o ministro do Trabalho deu provimento àquele recurso, anulando as eleições, por infringirem o artigo 34, n.º 1, alínea 'a', da Portaria Ministerial 146, de outubro de 1957. Os dirigentes sindicais que apóiam as duas chapas, de comum acordo, designaram os srs. Vitelbino Ferreira de Souza, Antônio Cândido Lindolfo e Amadeu Tortelli para constituírem a Junta Governativa da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos.

Fatalidade Não Provoa Desastre De Avião: Responsabilidade é Do DAC Que Não Fiscaliza

Pista livre, o poderoso «Viscount» evoluiu sobre os populosos subúrbios da Zona Norte do Rio de Janeiro, preparando-se para aterrissar. Um minúsculo NA de treinamento da Força Aérea Brasileira, que o Brigadeiro João Mendes da Silva, diretor do DAC, resolveu chamar de fatalidade, realizava piroetas justamente na área designada ao grande avião de passageiros para realizar a manobra de pouso no Galeão. Um «loop» mais ou menos provocou a pavorosa catástrofe. Quatro dezenas de mortos, entre os quais moradores de habitações destruídas quando o «Viscount» se chocou com o solo. Um sobrevivente apenas, o militar que pilotava o aparelho da FAB e que poderá ser denunciado pela comissão de Inquérito instalada para examinar as causas da catástrofe, como o único elemento responsável pelo acontecimento.

O diretor do DAC, em suas primeiras declarações à imprensa após o desastre, falando na fatalidade, abriu o caminho para tal conclusão. Ignorou uma série de fatores existentes, muitas vezes denunciados, que constituem um perigo permanente a todos os que se utilizam do transporte aéreo no Brasil.

O GRANDE RESPONSÁVEL

A crônica da aviação comercial brasileira, embora seja recente o progresso desse ramo de atividade em nosso país, está pontilhada de acidentes e tragédias dolorosas. Apesar disso, as lições que elas deixaram de nada serviram ao Ministério da Aeronáutica e ao DAC. Desastre de avião no Brasil só ocorre em virtude da fatalidade ou por culpa do piloto (ele está morto e isso torna fácil o trabalho das comissões de inquérito).

A realidade, no entanto, é bem outra. As principais causas de acidentes em nossa aviação comercial residem principalmente em falhas da infra-estrutura

ou da fiscalização, como também do material de voo. Delas o diretor do DAC não fala, nem da responsabilidade que têm o Ministério da Aeronáutica e as empresas que operam nesse setor do transporte. E não o faz porque tem uma política própria para a aviação comercial, a de atender passivamente aos interesses das grandes companhias, que não desejam que o público tome conhecimento dos defeitos existentes na complexa organização do serviço de transportes aéreos.

PERIGO NOS AEROPORTOS

Uma das mais graves deficiências da nossa aviação é a maneira pela qual são homologados muitos aeroportos, nos quais o tráfego aéreo comercial é uma verdadeira temeridade. A homologação se faz a critério das autoridades aeronáuticas, segundo normas próprias e em inteira discordância com as normas técnicas estabelecidas pela Organização da Aviação Civil Internacional.

Há uma absoluta disparidade entre o comprimento e a altitude em que estão situadas muitas pistas. Fatores importantíssimos como a temperatura local, o declive ou a inclinação da pista, a constituição do solo, a ausência ou presença de vento, sua intensidade e direção, predominantes em certos locais, ou que tem ocasionado inúmeros acidentes. As regras para o comprimento das pistas em relação aos aviões que ali operam não são obedecidas pelo Ministério da Aeronáutica. Um exemplo gritante é a operação de quadrimotores no aeroporto Santos Dumont, que resultou em desastres como o de um DC-4 do Lóide Aéreo. Este quadrimotor teve durante a decolagem noturna, dois motores em pane e, não conseguindo parar o avião dentro dos limites da pista, foi chocar-se com o molhe de pedras na cabeceira.

Apenas 50 dos nossos aeroportos, isto é, 10% do total, são pavimentados. O sistema de orientação e aproximação é absolutamente obsoleto, sem qualquer precisão, principalmente em condições atmosféricas adversas. O balisamento elétrico só existe nos campos pavimentados embora com interrupções por não possuírem energia elétrica própria. Nos demais, ainda funcionam as lanternas a querosene ou tochas. Quando o assessor técnico do Sindicato dos Pilotos condenou este tipo de balisamento, o grande argumento

de uma empresa foi de que acabara de comprar um conjunto deste tipo. E tudo ficou como antes. Quanto ao serviço de comunicações, devido ao precário estado do material, as aeronaves não mantêm contato permanente com os órgãos de controle dos aeroportos, sendo comum que se comuniquem umas com as outras, quando iniciam subidas ou descidas por instrumentos.

As rotas obedecem apenas a um traçado teórico. A aprovação dos planos de voo, principalmente de aeronaves que se dirigem para o interior, é feita, em muitos casos, quando elas já estão em voo, ou quando já chegaram ao seu destino. As altitudes de segurança das rotas não prevêm a ocorrência da falha de um motor, sendo os planos de voo aprovados indistintamente para qualquer tipo de aeronave.

Ainda em relação à situação dos aeroportos, a situação dos existentes no Distrito Federal exige sérias providências das autoridades responsáveis. Zona de tráfego aéreo intenso com duas estações de passageiros, o Rio de Janeiro ainda possui aeroportos militares (o Galeão e o Santos Dumont) também são utilizados pela FAB e são numerosas as vezes em que o espaço aéreo fica, poderíamos dizer, congestionado. O recente desastre do «Viscount» e mesmo o anterior, de 1949, quando dois aviões comerciais se chocaram sobre o Santos Dumont, atestam a responsabilidade do DAC e do Ministério da Aeronáutica no que se refere aos acidentes desse tipo, pois as medidas de segurança por acaso tomadas revelaram-se ineficientes. Note-se, para comprovar tal fato, que dos cinco desastres dessa natureza ocorridos até hoje no mundo, dois se verificaram na Capital da República.

Além do mais, a utilização de aeroportos comerciais para fins militares é também contra-indicada, pois a operação de aviões comerciais e militares num mesmo aeroporto sobrecarregam o tornando mais precárias suas condições técnicas de segurança.

Além das deficiências de infra-estrutura, comunicações, etc., ocorre ainda o excesso de horas de trabalho e de voo atribuído aos tripulantes, que até bem pouco tempo sem regulamentação profissional, chegavam a trabalhar 16 a 18 horas por dia. Atualmente, com a vitória obtida pelo Sindicato Nacional dos Aeronautas, a profissão já está regulamentada.

TRIPULANTE VOA DEMAIS

A prova da deficiência destes serviços realizados sem o exame de um técnico do Ministério, está no desastre que ocorreu na Bahia com um avião da NAB. Foram feitos serviços tão precários em um avião sinistrado, que no voo de experiência, este largou as duas asas, resultando na morte dos tripulantes. O inquérito instaurado concluiu pela culpa da empresa. A DAC prometeu que se se comprovasse a culpa da empresa pelo acidente, sua licença seria cassada. Contudo, nada sucedeu aos responsáveis, o que constitui um estímulo à falta de responsabilidade e desaprova à vida humana.

devido em cada 25 horas o aeronauta trabalhar a serviço da empresa 14 horas e ter um descanso ininterrupto de 11. É necessário também que os tripulantes recebam alimentação adequada e que haja uma fiscalização do Ministério da Aeronáutica. Apesar da falsificação comprovada de algumas empresas, quanto ao número de horas de voo de seus tripulantes, nenhuma providência foi tomada. O cansaço é causa de acidentes, determinada em vários inquéritos internacionais. Tal foi o caso, por exemplo, do desastre em 1955 do «Constellation» da Panair no Paraguai, em que o comandante se encontrava com excesso de horas de voo.

Além das inúmeras deficiências no que se refere ao tráfego aéreo, ressentem-se nossa aviação comercial de maior atenção no que diz respeito à manutenção, vistorias e cuidados com as aeronaves que são utilizadas.

Mais uma vez, aqui se faz sentir a predominância do fator econômico sobre o técnico, beneficiando as empresas, mas tornando cada vez mais insegura a utilização do tráfego aéreo pela população.

O estado material da nossa aviação comercial é atualmente o seguinte: aviões que já sofreram substanciais alterações aerodinâmicas; aviões recuperados de acidentes, montados sem gabaritos (moldes) originais; aviões com número exagerado de horas de voo; motores mal revisados; falta de peças; utilização exagerada, resultando-se ainda o problema do peso.

UTILIZAÇÃO DE AVIÕES OBSOLETOS

Os DC-3 e C-47, aviões básicos da nossa aviação, há cerca de 15 anos deixaram de ser fabricados. Seu peso bruto era de ... 11.430 quilos e as trocas de motores se efetuavam a cada 800 horas. Com o tempo, tornaram-se obsoletos do ponto-de-vista econômico. E foi a seguinte a solução do Ministério da Aeronáutica a este problema: aumento do peso máximo para 11.885 e 12.200 para passageiros e carga, respectivamente, a substituição dos motores passando a ser feita até com ... 1.200 horas. Diante disso, reivindicam os aeronautas, para uma melhor segurança do voo a limitação do peso bruto dos DC-3 e C-47 a 11.430 quilos, que é o peso que os aviões desse tipo podem suportar.

progressivamente a segurança do voo. Os motores dos aviões mencionados, além de já perenecerem a séries fabricadas na última guerra, já se encontravam com inúmeras revisões.

VISTORIAS PRECARIAS

Outro atentado à segurança dos vãos é o modo como são feitas as vistorias periódicas nas aeronaves nacionais.

Uma das maiores falhas é o fato de que as características de cada avião não são aferidas periodicamente, o que deveria ser feito ao peso máximo em que estão autorizadas a operar. Há, assim, aviões, como vários DC-3 e C-47, que não se sustentam em voo com um só motor, nem mesmo vazios. Muitas vezes as vistorias das aeronaves são feitas sem peso algum, não ficando comprovada a capacidade de voo monomotor. Pode-se citar o exemplo do UCC em Belém. Avião conhecido pelos tripulantes como defeituoso em voo monomotor. Sofrendo falha mecânica em um motor, não conseguiu se manter em voo, caindo ao solo e incendiando-se.

Embora a Diretoria do Material da Aeronáutica conte com técnicos de valor, não tem força e autoridade para uma fiscalização efetiva do material. Os regulamentos são elaborados com a participação das Companhias, que não querem fiscalização alguma. Recentemente, realizaram uma ofensiva no sentido de seimi abolidas as vistorias semestrais, passando elas próprias a exercer a autofiscalização. Assim, quando uma aeronave acidentada pode ser recuperada, é a própria empresa que faz os reparos no local, sem que qualquer técnico do Ministério examine o serviço feito, antes da execução do primeiro voo.

E a prova da deficiência destes serviços realizados sem o exame de um técnico do Ministério, está no desastre que ocorreu na Bahia com um avião da NAB. Foram feitos serviços tão precários em um avião sinistrado, que no voo de experiência, este largou as duas asas, resultando na morte dos tripulantes. O inquérito instaurado concluiu pela culpa da empresa. A DAC prometeu que se se comprovasse a culpa da empresa pelo acidente, sua licença seria cassada. Contudo, nada sucedeu aos responsáveis, o que constitui um estímulo à falta de responsabilidade e desaprova à vida humana.

GUIA DA INDÚSTRIA DO RIO GRANDE DO SUL

Acaba de ser editado no Rio Grande do Sul, um Guia da Indústria daquele Estado, organizado com a colaboração da Federação das Indústrias e do Centro da Indústria Fabril. Trata-se de trabalho metuculozo, contendo detalhadas informações sobre a produção industrial gaúcha e sobre as empresas

industriais do Rio Grande do Sul. Também as firmas comerciais que operam com matérias-primas aparecem relacionadas no Guia. O Índice de produtos também é apresentado em inglês e alemão. Trata-se, em síntese, de um trabalho útil para os estudiosos da economia e, particularmente, para pesquisadores de mercados.

«Machado de Assis»

LIVRO DE ASTROJILDO PEREIRA

1 volume de ensaios e apontamentos sobre o grande escritor brasileiro, com 280 págs.

À VENDA NA LIVRARIA DA «Editorial Vitoria»

Rua Juan Pablo Duarte n. 50 (sob.) RIO DE JANEIRO

VICENTE CARVALHO, VAZ LOBO E PARQUE CELESTE QUEREM CONDUÇÃO, ÁGUA E CALÇAMENTO

Prefeito Governa Para Zona Sul: Bairros Operários Abandonados!

Vicente Carvalho, Vaz Lobo e Parque Celeste, bairros nitidamente proletários (os moradores, em sua maioria, são trabalhadores das 6 fábricas ali instaladas: GE, Standard Elétric, Ultrágas, etc.), foram relegados ao mais completo abandono pelas autoridades municipais, desinteressadas em encontrar solução para os inúmeros problemas que afligiam a vida da população. O comportamento da Prefeitura, renitente em atender aos apelos isolados dos moradores, estimulou a organização de uma entidade dirigida principalmente no sentido de procurar soluções para amenizar as condições de vida do local. Em 1953 foi eleito a primeira diretoria do "Centro Pró-Melhoramentos dos Bairros de Vicente Carvalho, Vaz Lobo e Parque Celeste" e, de lá para cá, graças à iniciativa da entidade, algumas das reivindicações foram conseguidas: calçamento de ruas, serviço de água, e outras.

TREM É PROBLEMA

Apesar da luta constante da gente de Vaz Lobo, Vicente Carvalho e Parque Celeste, agora comandada pela diretoria do Centro, alguns dos mais prementes problemas que afligem a zona ainda estão a espera de solução. O mais importante e que exige urgente regularização, é o do transporte. Os bairros, todos densamente povoados, dispõem de uma péssima e mal organizada rede de transportes. A Estrada de Ferro Rio D'Ouro tem o seu trecho final praticamente inutilizado em virtude da queda de uma ponte, há vários anos atrás. A ponte caiu e ninguém se preocupou em consertá-la, apesar do enorme prejuízo que vem acarretando à população. O trem só vai até a estação de Acari, obrigando nos que se servem dele a uma

longa caminhada para atingir suas residências.

A reconstrução da ponte como primeira providência e, depois, a eletrificação da ferrovia são reivindicações que exigem pronta solução e pelas quais se bate firmemente o Centro.

BONDE TAMBÉM

A linha de bonde que vai de Vaz Lobo a Irajá é apenas de "mão única", isto é, só há um trilho, por onde circulam tanto o bonde que vem como o que vai, sendo necessário que um espere que o outro chegue para se pôr em movimento. Assim é que, um dos transportes mais baratos que ainda temos hoje em dia é absolutamente deficiente nestes bairros, que, como já dissemos, são constituídos fundamentalmente por trabalhadores. Há mais de dez anos antes mesmo da sociedade ser fundada, que os moradores vêm reivindicando a duplicação da linha do bonde, sem que qualquer medida tenha sido tomada pela Companhia que domina este transporte.

Ainda no setor referente aos transportes, o Centro reivindica a construção de abrigos nos pontos finais das linhas de ônibus e lotações para maior proteção da população.

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Outras importantes e atuais reivindicações dos moradores dos bairros, por intermédio do Centro, são: a instalação de um mercadinho e de um posto da COFAP para distribuição de gêneros alimentícios; uma Agência de Correios; um Posto de Saúde e um Pronto-Socorro de Emergência, que viriam preencher a ausência total de qualquer assistência médica; um maior número de escolas públicas, porque as que há atualmente

não são suficientes em virtude da população ser muito grande; o calçamento de várias ruas, entre elas Guaratuna, uma das principais, por onde passa grande parte da condução; e também a conservação das mesmas, que com seus vastos buracos (às vezes, bueiros destampados) como é o caso da praça Vicente Carvalho) tornam-se frequentemente intransitáveis e perigosas aos pedestres pela possibilidade de acidentes que oferecem.

A falta d'água também aflige os moradores de Vicente Carvalho, Vaz Lobo e Parque Celeste. Também nesse problema se empenha o Centro, tendo solicitado ao Departamento de Águas e Esgotos, ainda em setembro passado, uma bomba recalque que possibilite solucionar parte do problema.

Há em Vicente Carvalho dois morros, o de Vila Cosmo e o de Livramento, que apresentam uma infinidade de problemas a serem resolvidos. Os moradores destas favelas também se reuniram em associações próprias, que têm como objetivo solucionar seus problemas específicos, particulares. Há, entretanto, problemas comuns, dos morros e dos bairros, que são enfrentados por todas as associações conjuntamente. Há, pois, um constante intercâmbio entre o Centro e estas sociedades.

ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS

O Centro se preocupa não somente em zelar pelo bem estar material dos sócios e moradores, mas também por necessidades espirituais, oferecendo oportunidade para que os mesmos entrem em contato com os problemas mais sentidos da população do Distrito Federal e do Brasil em geral. Assim é que,

durante a campanha contra a carestia de vida, houve em sua sede duas conferências sobre o assunto, visando um maior esclarecimento dos trabalhadores, da população. Também em relação ao problema do Estado da Guanabara, foram realizados debates e três conferências que despertaram grande atenção.

No quadro de suas atividades recreativas, a entidade faz realizar, todos os sábados, festas e bailes, intercalados de leilões de prendas e outros divertimentos. Estas festas além do caráter de divertimento, têm como objetivo, também, a ampliação do quadro de sócios do Centro e, ainda, a divulgação e esclarecimento, aos moradores dos bairros, das finalidades e programa de reivindicações da associação.

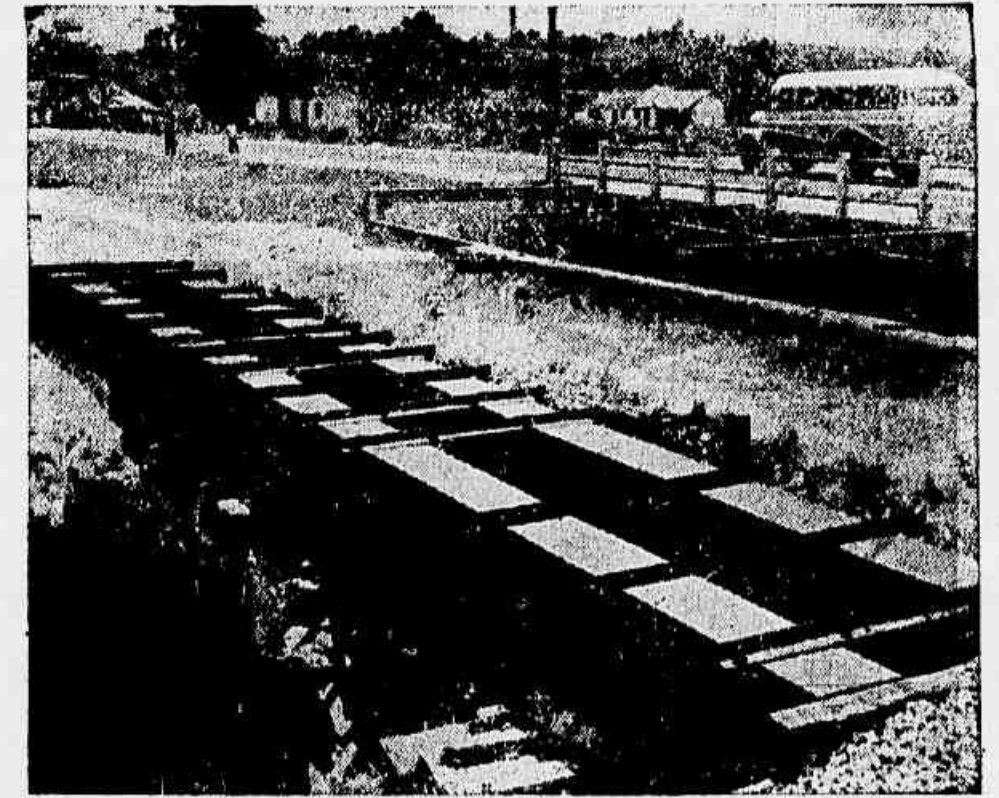
LIDER CAMPONES DO MARANHÃO A "NOVOS RUMOS":

Vida De Lavrador Só Melhora Com Muita Luta e Organização

«A situação dos lavradores só pode melhorar se eles se organizarem e lutarem, sem esperar pelas promessas de véspera de eleição» — disse em nossa redação o líder camponês José Perreira da Silva, quando nos concedia uma entrevista sobre as experiências da luta dos lavradores de Olho D'Água Seco, distrito de Caxias, no Maranhão. José veio ao Rio tratar do registro da Cooperativa Agrícola Mista de Lavradores de Olho D'Água Seco, em torno da qual se unem os camponeses daquela região para defender seus interesses ameaçados pelos fazendeiros e usurários.

EXPLORAÇÃO E ABANDONO

São devolutas as terras em que plantam e vivem os camponeses de Olho D'Água Seco. Mas um punhado de fazendeiros explora centenas de moradores nas condições mais brutais. Enquanto o preço normal do babaçu, na região, é de 20 a 21 cruzel-



Esta ponte, situada na estrada de Ferro Rio D'Ouro (estação de Acari) ruirá há vários anos. A Prefeitura nem tomou conhecimento. Sua reconstrução é de extrema importância, pois permitiria que os trens trafegassem até o ponto final da linha, facilitando o problema do transporte de inúmeras pessoas.

ros o quilo, eles se dispõem a pagar aos moradores de suas terras apenas 10 cruzelros por quilo. Se os lavradores não se submetem a esta espoliação e vendem o coto a outros compradores, o gado dos proprietários invade suas roças, seus casebres são queimados e alguns são presos por ordem dos donos da terra.

Quando os lavradores começam a colher sua safra de arroz, só podem vendê-la aos fazendeiros e comerciantes locais por preços que variam de 50 a 80 e, no máximo, 100 cruzelros a quarta (30 quilos). No entanto, por ocasião do inverno, quando o lavrador já não dispõe de qualquer recurso e não tem o que comer, o arroz lhe é vendido por 300 cruzelros a quarta. Além disso, muitos camponeses são obrigados a tomar o arroz por empréstimo aos fazendeiros, e o pagamento na época da safra é feito na proporção de 3 quilos por 1. Este sistema de usura reduz os lavradores a verdadeiros escravos, eternamente presos por dívidas aos seus exploradores.

Olho D'Água Seco, como tantas outras localidades do Brasil, não possui farmácia nem médico. Somente este ano, dezenas de crianças morreram por falta de socorro. Quando os moradores adoecem, quase sempre se conformam com a morte. Médico só pode ser encontrado em Caxias, a 70 léguas de distância. E a farmácia mais próxima dista 8 léguas.

O CAMINHO DA LUTA

Decididos a sair dessa situação por seus próprios e forços, compreendendo a importância da luta e da organização dos explorados e oprimidos, os lavradores de Olho D'Água Seco resolveram criar uma Cooperativa. A decisão foi tomada, quando os comerciantes locais elevaram o preço do açúcar para 28

cruzeiros o quilo. 15 lavradores se quotizaram, reuniram inicialmente 2 mil e 500 cruzelros e mandaram uma comissão a Caxias para comprar uma partida de gêneros e distribuí-los diretamente aos quotistas. A comissão comprou açúcar, querosene, sal, sabão e fósforos. O açúcar ficou a 18 cruzelros o quilo para os cooperados.

Esta iniciativa despertou enorme entusiasmo entre os camponeses, que passaram a avaliar a força de sua união. Os comerciantes, colhidos de

surpresa, não tiveram outro remédio senão baixar o preço do açúcar para 20 cruzelros. Desta maneira, a Cooperativa trouxe benefícios imediatos não apenas para os seus associados, mas para toda a população de Olho D'Água Seco.

A fundação da Cooperativa estimulou o espírito de organização entre os lavradores. Ante os protestos dos comerciantes, trataram de legalizar a situação da Cooperativa e agora esperam a concessão do registro para desenvolver plenamente sua atividade.



FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA: ASSEMBLÉIA DIA 5

Os ferroviários da Leopoldina voltarão a se reunir em assembleia geral no dia 5.

no dia 5, para decidir o que fazer se não há as suas reivindicações não tiverem sido atendidas pelo Governo. O agravamento das condições de vida dos ferroviários, uma grande maioria recebe na base do salário o mínimo regional, poderá levá-los, na próxima assembleia, à declaração da greve geral, por tempo indeterminado, até que conquitem as melhorias re-ferenciadas.

Os ferroviários reivindicam, fundamentalmente, um aumento salarial nas seguintes bases: aumento de 5 mil cruzelros para os que recebem até Cr\$ 10.000,00; aumento de 4 mil cruzelros para os que recebem de 11.500,00 até 14.500,00 cruzelros; aumento de 3 mil cruzelros para os que recebem de 15.000,00 até o teto estabelecido nos novos níveis salariais recentemente reestruturados pela Rede Ferroviária Federal S. A.

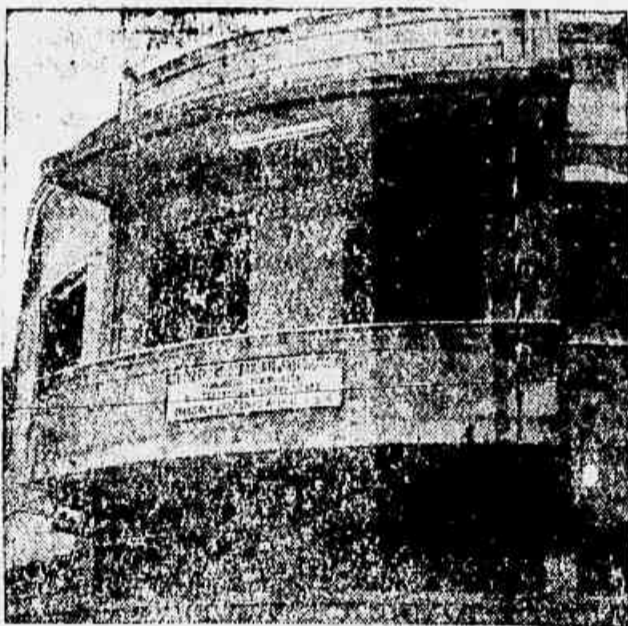
FESTA NA FERRO MALEÁVEL

Os operários da Metalúrgica Ferro Maleável realizaram uma festa de confraternização de fim de ano, da qual participaram todas as suas famílias, e o proprietário da empresa, sr. Devanor. Especialmente convidados estiveram presentes nos festejos o representante de NOVOS RUMOS, o nosso colega João Massena, e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, sr. Benedito Cerqueira.

O delegado sindical da Ferro Maleável, Ulisses Lopes, fez uma saudação aos seus companheiros, ressaltando a importância da unidade dos trabalhadores em torno do seu sindicato. A festa se encerrou em meio a grande entusiasmo, com a distribuição de presentes aos operários e suas famílias.

RIO BONITO Energia elétrica e sua influência

RIO BONITO — RJ — (Do Correspondente) — O Centro Nacionalista Rio-bonitense promoveu no dia 12 de dezembro, no Salão Nobre da Câmara Municipal, uma palestra do engenheiro Hugo Reis dos Reis, sobre Energia Elétrica e sua influência na atual conjuntura econômico-social. O ato contou com a participação de ilustres personalidades e do povo deste município, que aplaudiram o conferencista, vice-presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional.



A sede do Centro Pró-Melhoramento dos Bairros de Vicente Carvalho, Vaz Lobo e Parque Celeste, entidade que grande melhoria trouxe a população destes bairros e outros mais que lhes são vizinhos.

Trabalhadores em açúcar: 45% de aumento

Os trabalhadores na indústria do açúcar desta Capital e do Estado do Rio encaminharam aos empregadores uma proposta de aumento salarial de 45%, para vigorar a partir de 1.º de janeiro. A Diretoria do Sindicato, que lidera o movimento reivindicatório, convocou uma assembleia geral para o próximo dia 5, a fim de dar conhecimento aos trabalhadores do resultado dos entendimentos mantidos com o sindicato patronal. Caso os empregadores não hajam concordado em conceder o aumento de 45%, os operários na assembleia do dia 5 resolverão se apelar para a greve, como ocorreu na última campanha salarial. O se prosseguir nos entendimentos, uma vez que a hipótese de recua à Justiça do Trabalho está praticamente excluída das contações dos líderes da corporação.

TRANSMISSÕES DA RÁDIO MOSCOU PARA O BRASIL

A Rádio Moscou passou a transmitir seus programas diários para o Brasil de 19 às 21 horas, hora do Rio de Janeiro. A potência da transmissão foi duplicada, e aumentado o número de frequências. Os programas podem ser ouvidos nas faixas de 25 e 31 metros:

Faixa de 25 metros		Faixa de 31 metros	
Frequências em megaciclos	Comprimentos de onda em metros	Frequências em megaciclos	Comprimentos de onda em metros
11,75	25,58	9,47	31,67
11,79	25,44	9,78	30,67
11,87	25,27		
11,92	25,17		

CARTA DO SERTÃO

ZE PRAXÉDI — o poeta vaqueiro

Favela do «Canta Galos»,
Vinte e seis do mês de festa,
Coroné Rocha Lagoa,
Num m'isqueço de quem presta.

A sua cabeça branca,
Num foi o tempo qui pintó.
Fei aperréi, foi disgosto,
A gente vê no seu rosto
Quanto sofreu o sinhô.

Lutando na terra seca,
No sertão do Cariri,
Pra sustentá a pobreza
Qui morava pur ali...
Sem oculo do govérno
Ninguém pode arrisisti.

Mecê gastó o qui tinha
Por lo tudo a quem não tem
Erró, coroné, erró,
Porém erró muito bem!
Deu nos fio inducação
Sabendo lé todos vão
Fazé o qui lis convém.

Tudo de bom qui li venha,
É o juro dessa bondade,
Dece do céu li pagando
Ua parte das caridade.

Seu fio Terto Lagoa
Diputado Istadaí,
Doutó Rochinha Juiz
Nos fóro da capitá.

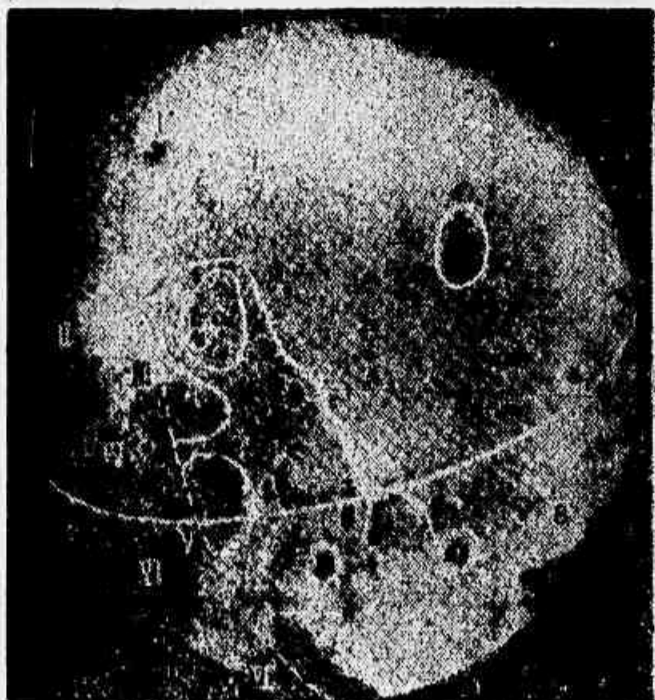
Dona Nacinha Lagoa
Muié do Governadô,
Foi do Lagoa vertente
Todo povo tem patente
Tem dinhéro e tem valô.

Já setenta e dois janêro
Compertó o coroné,
Pai de vinte e sete fio,
Merido de seis mué.
«Nessa lagoa — diz êle:
Nunca ninguém tumó pó».

Tem munta gente os Lagoa
E vão no Lote votá.
O Generá vai fazé
Uro Brasil recriadô,
Brasil qui vassanidô
Há munto qui qué fazé
Naquelas terra de lá.

Arreerba, coroné,
De seu amio um abraço
E muitas filicidade,
Manezin dos Anastaço.

1959 — LUA FOI ESTRELA



MATANDO VELHA CURIOSIDADE

Em 1959, por obra e arte dos cientistas e técnicos soviéticos, pôde o homem matar uma curiosidade velha de milênios: «ver» o outro lado da Lua, ainda que através de placas fotográficas (foto). A façanha dos homens de ciência soviéticos, considerada como a maior de todos os tempos, foi precedida de perto de outra quase da mesma importância: um objeto feito pelas mãos do homem foi colocado sobre a superfície da Lua.

A CONFERÊNCIA DA UNIDADE

A II Conferência Sindical Nacional, realizada no Palácio do Metalúrgico, nesta Capital, de 20 a 22 de novembro, foi um dos mais importantes acontecimentos do ano, não apenas para o movimento sindical, mas para todo o povo brasileiro. Reunindo mais de dois mil delegados, de várias tendências políticas e religiosas, oriundos de todos os Estados, a II Conferência adotou, por unanimidade, uma plataforma de luta unitária, que inclui desde as reivindicações mais específicas das massas trabalhadoras, até as de caráter geral, relacionadas com a emancipação econômica e política do Brasil. Os trabalhadores definiram a sua posição nacionalista, reiterando o seu apoio à Petrobras e a todas as iniciativas governamentais, que visem a emancipação do país.

KRUSCHIOV E MAMIE EISENHOWER

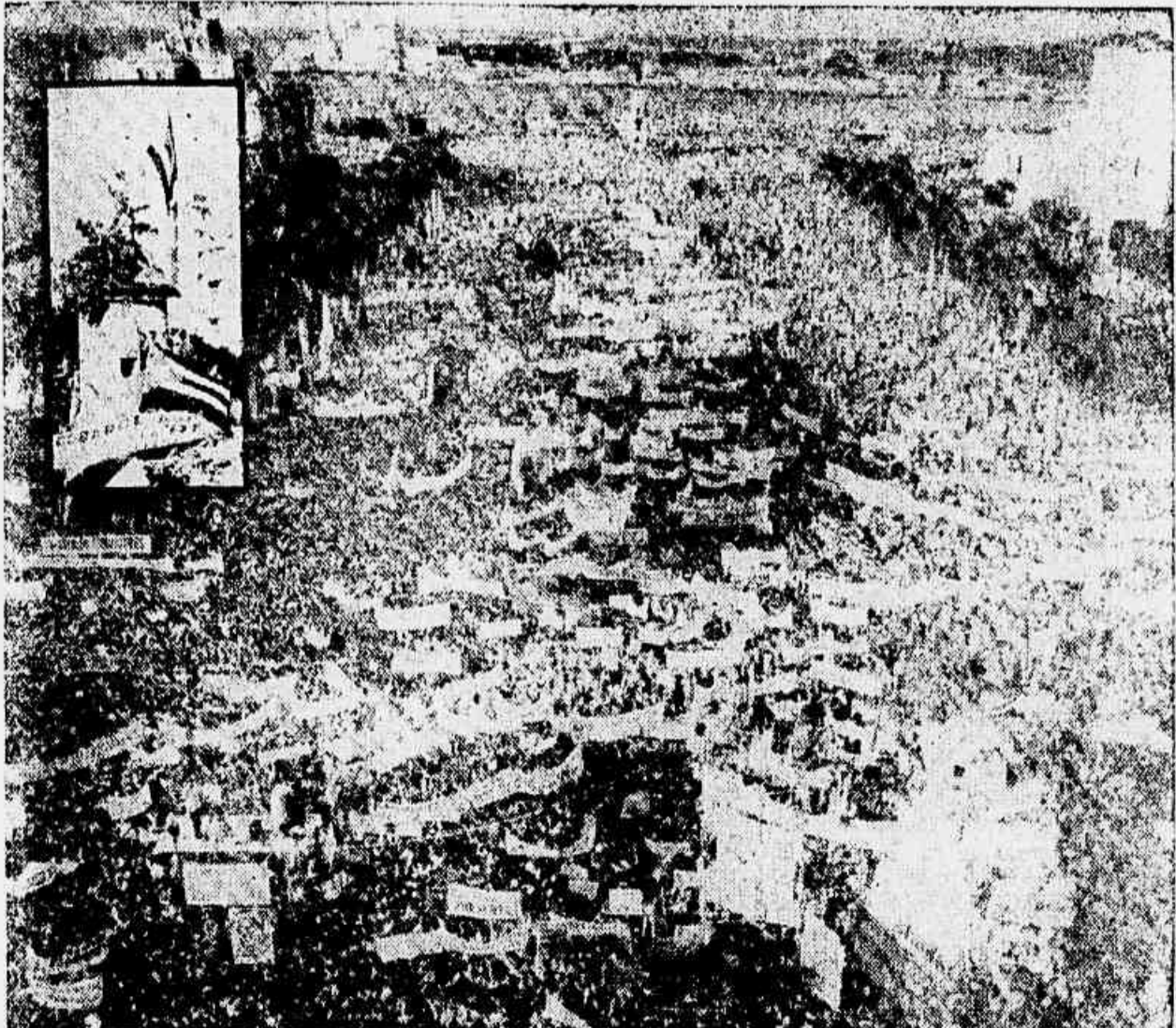
O mais sensacional acontecimento do ano de 1959, no campo das relações internacionais, foi, sem dúvida alguma a visita do chefe do governo soviético, Nikita Khrushchiov, aos Estados Unidos. Numa demonstração concreta de que é possível e desejável a coexistência pacífica, em particular o desenvolvimento de relações amistosas entre a URSS e os EE.UU., Khrushchiov não poupou esforços no sentido de estabelecer contatos com representantes de todas as camadas do povo norte-americano. Cruzando os Estados Unidos, do Atlântico ao Pacífico, deixou patente a consequência da política de paz e amizade entre todos os povos, pregada e praticada pela União Soviética.



NOVOS RUMOS

COMÉRCIO FAZ AMIGOS

O que não pôde ser feito pelos canais normais da diplomacia durante mais de doze anos, foi conseguido pelo café, cacau, o petróleo e outros produtos, como se vê nesta foto, em que aparecem, em torno de dois côcos da Bahia, o embaixador Barbosa da Silva, o vice-ministro do Comércio Exterior da URSS, Smeliakov, e outros participantes, brasileiros e soviéticos, das conversações recentemente realizadas em Moscou. Em fins de 1959, o governo brasileiro enviou, finalmente, uma missão comercial a Moscou, que concertou com a URSS um convênio comercial prevendo trocas no total de cerca de 200 milhões de dólares, durante três anos.



POVO QUEBROU GOVERNO ENCAMPOU

Os acontecimentos de 22 de maio, em Niterói, que culminaram com o incêndio e a destruição da estação de embarque das lanchas, e das residências dos Carreiros, monopolizadores do transporte marítimo entre o Rio, Niterói e Ilhas da Guanabara, constituíram uma das mais enérgicas manifestações de descontentamento do povo contra a política de carestia e de proteção aos exploradores da economia popular. A população, protestando contra o novo assalto projetado pelos Carreiros, que já recebiam 11 milhões de cruzeiros mensais do Governo, deram início às manifestações que empolgaram o país e determinaram a encampação da empresa.

A REVOLUÇÃO DOS BARBUDOS

Depois de vários anos de terror, nos primeiros dias de 1959 a ditadura de Batista foi sacudida em Cuba pelos «barbudos» de Fidel Castro com o apoio maciço e caloroso da grande maioria da população, principalmente operários, camponeses e estudantes. Vitória a revolução, começa a luta contra os inimigos internos e externos e, mais ainda, contra o atraso e a exploração existente no próprio país. Nessa luta, o elemento decisivo foi e continua sendo a mobilização e o apoio popular ao governo de Fidel Castro, toda vez que ele se viu ameaçado pelos latifundiários prejudicados em seus privilégios pela reforma agrária, ou pelos imperialistas norte-americanos que começam a assistir ao fim de seu domínio político e econômico da ilha.